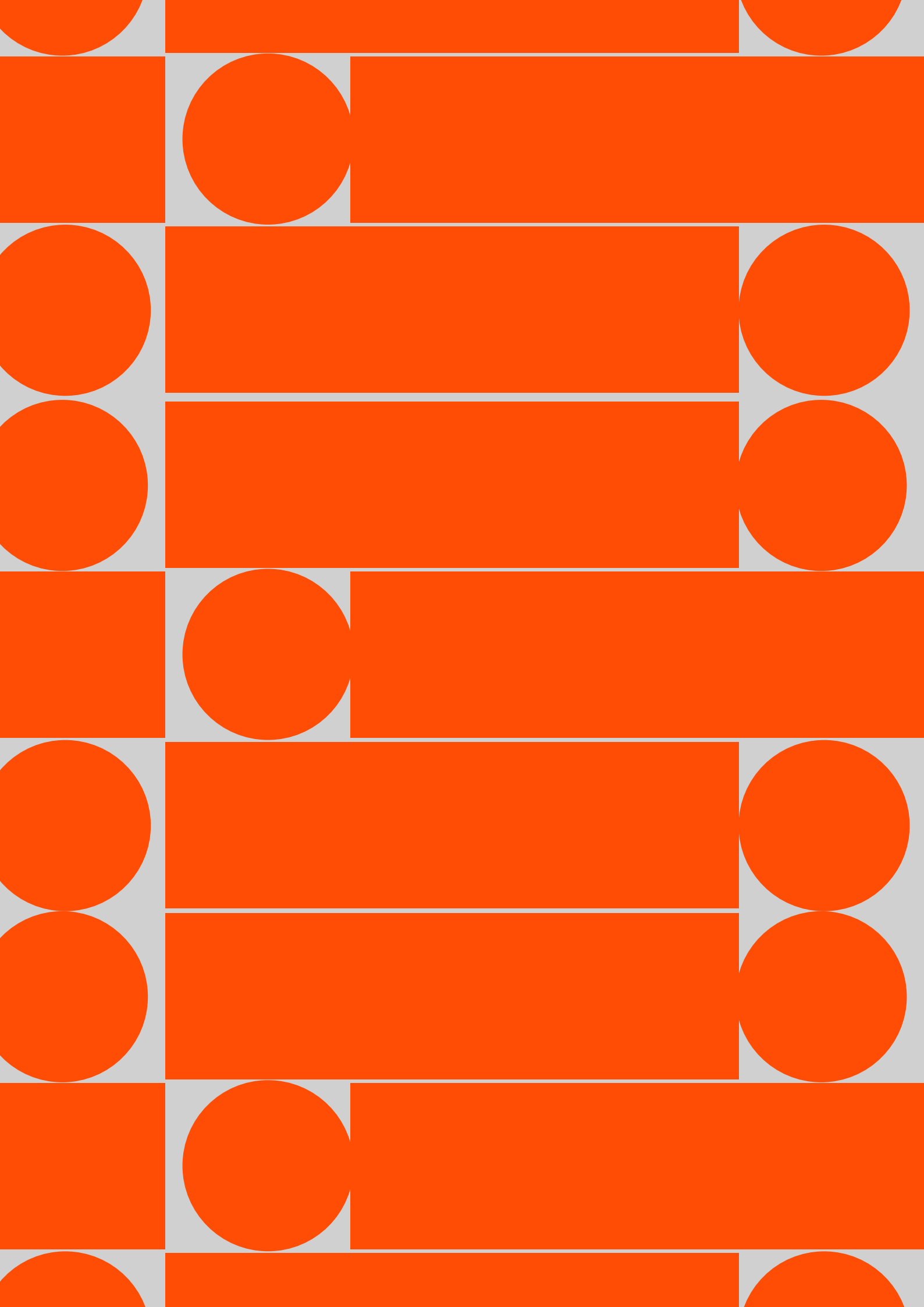


INICIATIVAS DE

APOIO A

CANDIDATAS E

CANDIDATOS



+REPRE SENTATI VIDADE

Principais aprendizados 04

Introdução 06

Conteúdo 09

Considerações finais 30

Referências bibliográficas 33

Conheça a pesquisa completa 33

Das 40 iniciativas analisadas, apenas 12 (30%) tinham como objetivo original a formação de candidatas e candidatos para a política.

Doze (30%) ofereceram programa de formação pela primeira vez para as eleições de 2022.

A maioria das iniciativas entrevistadas (29, ou seja, 73%) oferece formação apenas para mulheres. Nove (23%) são exclusivas para mulheres negras.

Grande parcela das iniciativas – 25 (63%) – não é institucionalizada, isto é, não tem CNPJ.

Em média, cada iniciativa tem 23 colaboradores, dentre os quais 18 trabalham de forma voluntária e 6, de modo remunerado.

As atividades variam, mas incluem principalmente networking entre integrantes, curso online síncrono e produção de material de campanha.

Das 38 iniciativas que responderam à pergunta sobre sua relação com partidos, 18 (47%) têm relação com alguma liderança de partidos políticos específicos, 14 (37%) não têm relação com partidos políticos, 5 (13%) iniciativas mantêm um diálogo de forma suprapartidária com eles e 1 (3%) estimula que participantes sejam atuantes nos partidos.

A institucionalização (ter um CNPJ) não se mostrou um indicador mais associado a um maior número de fontes ou quantidade de recursos finan-



PRINCIPAIS APRENDIZADOS



ceiros, nacionais ou internacionais.

Das 30 iniciativas que informaram o custo de seus programas via questionário, a maior parte 21 (70%), teve custos de até R\$ 50 mil.

Vinte e sete iniciativas (67% do total) informaram o número de candidaturas ofertadas, reportando 859 candidaturas lançadas em 2022; dentre essas, 9 (22%) iniciativas declararam ter eleito 99 pessoas.

Respondendo à pergunta sobre a eleição de pessoas pretas, pardas, indígenas, LGBTQIAP+ e quilombolas, 11 (28%) iniciativas reportaram ter eleito 37 pessoas.

Em geral, a avaliação das iniciativas sobre os resultados obtidos em 2022 é positiva: 24 (60%) consideram que eles foram melhores ou muito melhores do que o esperado.

As percepções negativas estão associadas à falta de recursos financeiros e tempo para implementar a formação durante o período eleitoral.

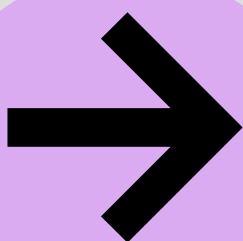
Dez (25%) iniciativas não realizaram ações no período pós-eleitoral com as formandas, e 9 (22%) não planejam seguir ofertando projetos de apoio a candidatas e candidatos em futuras eleições.

As demais, 31 (77%), planejam seguir com a formação e incorporar aprendizados a partir de sua atuação em eleições anteriores para aprimorar seus programas.

Mesmo as iniciativas que pretendem continuar oferecendo formação, preocupam-se com a sustentabilidade do projeto, dada a dificuldade de financiamento institucional.

PRINCIPAIS APRENDIZADOS

1



INTRODUÇÃO

Na última década, o número de organizações da sociedade civil que oferecem treinamento e apoio a pessoas interessadas em se candidatar a um cargo eletivo tornou-se bastante significativo no Brasil. Com o objetivo de renovar os quadros políticos, muitas dessas organizações focam também em promover mais diversidade na política, apoiando principalmente grupos que estiveram à margem da esfera decisória até então, como mulheres, pessoas negras, indígenas e pessoas LGBTQIAP+.

Algumas atividades realizadas por essas iniciativas se assemelham às dos partidos políticos, tais como recrutamento e seleção de quadros que têm interesse em se candidatar (GATTO; RUSSO; THOMÉ, 2021). Nos Estados Unidos, onde esse tipo de organização existe desde a década de 1980, essa sobreposição de funções não gera maiores atritos, já que as iniciativas costumam trabalhar conjuntamente com um dos dois principais partidos políticos. É o caso de iniciativas estadunidenses, como a Emily's List, criada pelo Partido Democrata, em 1985, para apoiar candidaturas de mulheres, ou o caso da Maggie's List, iniciativa criada em 2010 que apoia candidaturas femininas no Partido Republicano.

No caso brasileiro, as iniciativas de apoio a candidatas e candidatos são atores políticos mais recentes, tendo se consolidado, de fato, para a disputa das eleições de 2018. Diferentemente do caso estadunidense, as iniciativas brasileiras não nascem de uma parceria com os partidos políticos; ao contrário, surgem como uma alternativa para a formação de lideranças com perfis que os partidos tendem a não recrutar de forma ativa (conforme já apontado no relatório +Representatividade: Eleições 2020 - GATTO; RUSSO; THOMÉ, 2021, p. 143). Sendo organizações mais recentes, são também menos numerosas: nosso mapeamento identificou 53 iniciativas desse tipo atuando no Brasil, enquanto nos Estados Unidos são mais de 600 (KREITZER; OSBORN, 2019).

Das 53 iniciativas mapeadas em atuação no Brasil, 40 (75%) concordaram em participar da nossa pesquisa. A seguir, apresentamos análise inédita, em abrangência, sobre o trabalho dessas iniciativas e seu papel de promover as candi-

daturas de pessoas de grupos marginalizados nas eleições nacionais de 2022.

DE ONDE VÊM OS DADOS E COMO FORAM ANALISADOS?

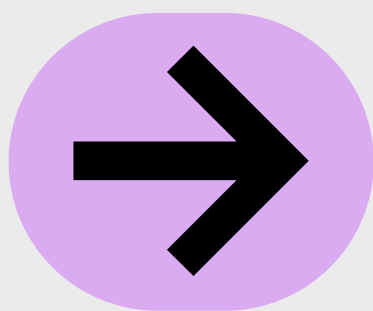
O primeiro passo da nossa análise foi mapear as iniciativas voltadas para a formação de candidatas e candidatos atuantes no Brasil. Por meio desse mapeamento, identificamos 53 iniciativas.¹ Das 53, 40 (75%) preencheram o questionário fechado, composto de 43 perguntas, e 39 (73%) concederam entrevistas semiestruturadas em profundidade, com 23 perguntas abertas. As entrevistas foram gravadas com o consentimento das iniciativas entrevistadas.

Todas elas foram contactadas entre os meses de novembro de 2022 e abril de 2023. As entrevistas foram realizadas entre novembro de 2022 e abril de 2023, após o preenchimento dos questionários, com nomes indicados pelas lideranças da iniciativa.

Em busca de variações e padrões, os dados do questionário fechado foram analisados quantitativamente. Após transcrito, o conteúdo das entrevistas foi analisado qualitativamente. Para isso, foram criadas categorias de análise para cada uma das questões presentes no roteiro e, então, foi construída uma base de dados a partir do material categorizado. A base de dados possibilitou a análise dos padrões de atuação das iniciativas de apoio a candidatas e candidatos.

1. É importante ressaltar que nem todas as iniciativas mapeadas ofereceram treinamento em 2022, mas ofereceram em anos anteriores. Duas não tiveram atividades nas eleições de 2022: o Coletivo Marielle Franco de Londrina (Paraná, criada em 2018) e a iniciativa Vote Nelas - Barra do Pirai (Rio de Janeiro, criada em 2020).

2



CONTEÚDO

1. Por que surgem as iniciativas? Quando começam a oferecer formação para candidaturas e qual a motivação para isso?

As iniciativas nem sempre surgem com a finalidade de apoiar candidaturas. Nos casos analisados, grupos, movimentos ou coletivos originalmente criados para outros propósitos adicionaram à sua estratégia de ação a formação de candidatas e candidatos.

Das 40 organizações, 12 (30%) deram a sua primeira formação somente em 2022. A maior parte delas, portanto, não é estreante nesta tarefa, que vem sendo aprimorada com o passar dos ciclos eleitorais.

Podemos dividir a motivação original para o surgimento das iniciativas em quatro grandes categorias: 1) aquelas que surgiram com o propósito específico de formar e/ou apoiar candidatas e candidatos novatos para ocupar espaços formais de poder; 2) aquelas criadas com o objetivo mais amplo de promover diversidade e mais representatividade na política – mas cujo trabalho não focava originalmente na formação de candidatas/os; 3) aquelas que se originaram para lutar por direitos de grupos específicos em outros espaços (ou seja, que não sejam na política formal); e 4) aquelas que surgiram com o objetivo de promover ações sociais, como doação de alimentos em momentos críticos (enchentes, pandemia etc.). No primeiro caso, há 12 organizações (30%) que foram criadas com o objetivo específico de formação e/ou apoio a candidatas e candidatos; no segundo caso, enquadram-se 9 (23%) iniciativas que surgiram com o propósito de promover diversidade e mais representatividade na política; no terceiro caso, há 16 (41%) iniciativas, criadas com foco na luta por direitos de grupos específicos. Finalmente, temos 3 (7%) outros casos cujas origens se deram com foco em ação social e que acabaram, posteriormente, transformando-se em iniciativas de apoio a candidatas e candidatos.²

No caso das iniciativas que não surgiram com a finalidade de formação de candidatas e candidatos, essa atividade teve início a partir de e devido a uma percepção de mudan-

2. Para nossa análise aqui, este será um marcador importante, de modo que destacaremos, ao longo do Relatório, para os padrões de atuação, aquelas iniciativas que surgiram com o objetivo de formação de candidatas/os e suas possíveis distinções ou similaridades em relação àquelas que não foram criadas especificamente para este fim.

ça de demanda ou urgência, no contexto de um novo cenário político. Muitas destacam que, apesar de realizarem atividades de outras naturezas com grupos marginalizados na política, passaram a entender que havia a necessidade e a urgência de inserção de integrantes desses grupos em espaços institucionais de poder. De acordo com muitas delas, tal percepção decorre de um sentimento de exaustão devido às dificuldades em mudar a realidade, por continuarem fora das esferas decisórias. O intento comum é ajudar que pessoas de grupos marginalizados se elejam, para que elas possam atuar representando os interesses de seus próprios grupos.

Além disso, foi mencionada também a visão de que mulheres, pessoas negras, indígenas e pessoas LGBTQIAP+ serão as melhores porta-vozes dos interesses dos grupos que visam representar. Como elaborado por Amanda, da iniciativa Conectando Mulheres (Espírito Santo, criada em 2018)³:

Eu acho que nós, enquanto mulheres, começamos a ver que se a gente quer ter nossas demandas atendidas, a gente tem que estar lá dentro. Ninguém vai fazer pela gente se a gente não se der voz, se a gente não tiver como dar nossa opinião e fazer com que ela seja ouvida. É o que a gente aqui começou a pensar. Eu preciso estar em algum cargo de liderança para poder fazer com que alguma coisa aconteça. Não adianta eu votar em homem, ele não sente do jeito que sinto! Só quem está na pele é quem pode saber. – Amanda, Conectando Mulheres (Espírito Santo, criada em 2018)

Quando questionamos sobre o incômodo quanto à ausência de mulheres, pessoas negras, pessoas LGBTQIAP+ etc. nos espaços da política institucional, perguntamos também às pessoas entrevistadas por que só agora tal problema teria gerado a solução em iniciativas de apoio a candidaturas, uma vez que a sub-representação desses grupos não é um problema novo na política brasileira. De acordo com as entrevistadas, a questão é vista como um fato já estabelecido e, em situações de crises como as que vivemos nos últimos anos – política, sanitária, econômica – os grupos marginalizados consideraram que se encontravam ainda mais vulnerabiliza-

3. Iniciativa que não surgiu com o propósito de formação de candidatas e candidatos para a política.

dos. As falas abaixo, de Natasha, do Instituto Alziras (nacional, criada em 2017)⁴, e de Hannah, da Tenda das Candidatas (nacional, criada em 2020)⁵, ilustram este argumento:

O Instituto Alziras surgiu [...] muito motivado pela maneira violenta como a Dilma tinha sido arrancada do poder. Acho que a gente não ousa dizer que ela foi tirada do poder porque era mulher. Mas a maneira misógina que esse processo de impeachment se desenrolou, acho que evidenciou como a política brasileira pode ser hostil para as mulheres. E acho que isso se confirmou logo em seguida, com o assassinato brutal da vereadora Marielle Franco. Mas a gente começou, a partir do impeachment, a se reunir e fazer grupo de estudo e pensar como atuar para fortalecer a presença feminina nos espaços de poder no Brasil. – Natasha, Instituto Alziras (nacional, criado em 2017)

Eu acho que a pandemia explicitou as desigualdades, ela aprofunda, mas ela também traz muito à vista as cisões, principalmente as cisões de gênero e raça. E o fato da gente ter ali, naquele momento, um governo [de Jair Bolsonaro, 2019-2022] que não responde às demandas da população e que, por isso, aprofunda as desigualdades, foi uma coisa que gerou, de um lado, um certo desespero e, de outro, uma clareza muito grande sobre onde a gente tinha que atuar. Então, [...] eu já sabia que a sub-representação era um problema. Já sabia que não ter as pessoas, que são as que mais precisam de políticas públicas, nos espaços de poder de decisão era um grande problema. Mas em 2020, é como se [...] não desse mais para esperar. Acho que chegou nesse momento limite de uma crise sanitária, política, chegou num limite muito grande, que gerou insegurança alimentar, toda uma outra gama de problemas que não existiam mais no Brasil que a gente conhecia. – Hannah, Tenda das Candidatas (nacional, criada em 2020)

Dessa forma, entendemos que o desejo dessas iniciativas organizadas em torno do intuito da diversificação do poder institucional não está apenas relacionado à presença dos grupos excluídos dos espaços de decisão — aquilo que Pitkin (1967) chamaria de representação descritiva, de acordo com

4. Iniciativa que não surgiu com o propósito de formação de candidatas e candidatos para a política.

5. Iniciativa que surgiu com o propósito de formação de candidatas para a política.

a qual o parlamento é meramente um reflexo proporcional da sociedade, espelhando suas características de gênero e raça, por exemplo —, mas, principalmente, à necessidade de inclusão de grupos sub-representados e marginalizados, a fim de que estes possam trabalhar — com conhecimento de causa — pelas demandas de populações mais vulneráveis. Com isso em mente, essas iniciativas estariam mais preocupadas com a representação substantiva (PITKIN, 1967), ou seja, preocupadas com uma agenda política direcionada à proteção desses grupos.

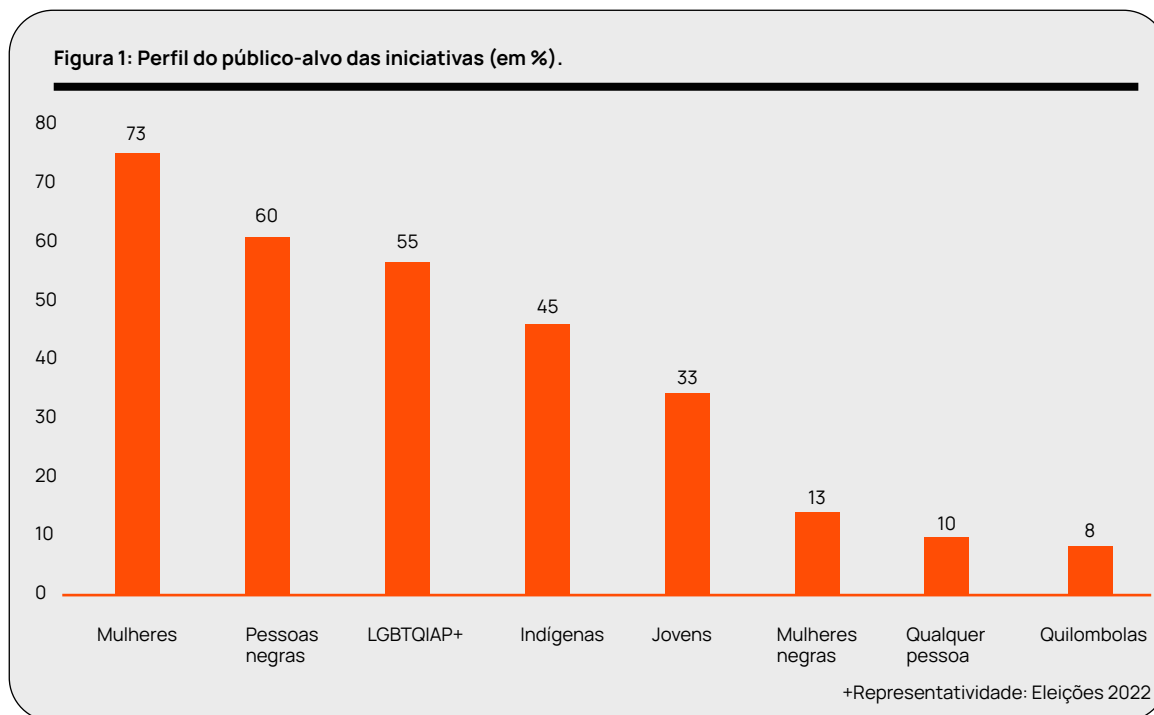
2. PARA QUEM SÃO AS INICIATIVAS? QUAIS OS PÚBLICOS-ALVO?

As iniciativas têm como objetivo promover a renovação política — ou seja, a inserção de novos nomes na representação. Para além disso, a maioria delas busca que os novos quadros de liderança apresentem diversidade. Como ilustra a Figura 1, apenas 4 (10%) iniciativas mencionaram atender qualquer pessoa, sendo que uma delas fez a ressalva de que seria qualquer pessoa, desde que se garantisse a proporcionalidade de representatividade do país com relação a gênero, raça, regionalidades e renda.

Ou seja, a grande concentração das iniciativas mapeadas foca, de fato, no aumento da diversidade nos espaços de poder. Dentre elas, 29 (73%) das 40 organizações entrevistadas mencionaram que mulheres fazem parte de seu público-alvo. Vinte e quatro (60%) das iniciativas mencionaram que pessoas negras fazem parte de seu público-alvo. Pessoas LGBTQIAP+ foram citadas por 22 (55%), indígenas por 18 (45%), jovens por 13 (33%) e quilombolas por 3 (7%)⁶.

Para a análise do público-alvo neste Relatório, faremos um recorte principal, identificando aquelas iniciativas que trabalham exclusivamente com mulheres negras e aquelas que não trabalham exclusivamente com mulheres negras. Tal categorização será importante para pautar as nossas análises. Das 40 iniciativas analisadas, 31 (77%) não são exclusivas

6. Na categoria "quilombolas", uma das organizações mencionou conjuntamente "quilombolas e de terreiro". Os dois foram considerados apenas como quilombolas, para facilitar a sistematização dos resultados.



para mulheres negras e 9 (23%) são exclusivas para mulheres negras.

É importante lembrar que, nesse caso, estamos falando de exclusividade. Entretanto, há diversas iniciativas que têm mulheres e/ou pessoas negras como parte de seus públicos prioritários. Das iniciativas analisadas, os perfis de público-alvo mais frequentes são mulheres, pessoas negras e pessoas LGBTQIAP+⁷. Cada organização pode ter mais de um perfil como parte de seu público-alvo (ou seja, oferece formação para pessoas de mais de um grupo).

Já quando se trata do tipo de trajetória política de participantes,, as iniciativas parecem estar interessadas em pessoas com potencial de liderança. São elas: pessoas candidatas e pré-candidatas, categoria citada por 28 (70%) iniciativas; pessoas que nunca se candidataram, citadas por 16 (40%) iniciativas; pessoas que nunca se elegeram, mencionadas por 13 (32%) organizações; pessoas que querem apoiar candidaturas como voluntárias, citadas por 13 (32%) iniciativas; pessoas que já têm filiação partidária, citadas por 11 (27%); e, finalmente, 4 (10%) iniciativas citaram critérios mais específicos, tais como “mulheres negras e lideranças coletivas” ou “perfil de liderança comunitária” ou, ainda, “perfis de mulheres negras potentes com potencial eleitoral”.

7. É importante mencionar que neste Relatório não estamos considerando iniciativas com perfil exclusivamente voltado para populações indígenas, uma vez que entendemos que essas se encontram em momentos diferentes de atuação. Analisamos o trabalho dessas iniciativas em um relatório à parte.

Sobre o mesmo tema, ou seja, perfil do público-alvo, das 40 iniciativas entrevistadas, 7 (17%) mencionaram focar em pessoas progressistas ou do campo da esquerda. No entanto, não há consenso das iniciativas sobre tal escopo. Por exemplo, a Rede de Mulheres Negras de Pernambuco (nacional, criada em 2016)⁸ aceita somente pessoas dos partidos PT, PSOL e PCdoB, enquanto a iniciativa, também exclusiva para mulheres negras e nascida sem a finalidade de formação de candidatas e candidatos para a política, a Rede de Mulheres Negras (Bahia, criada em 2013), considera que são de esquerda aquelas pessoas advindas do PT, PSOL, PCdoB, mas também da REDE, PDT e PSB. As percepções sobre a esquerda não estão somente vinculadas ao partido, mas também ao vínculo com as pautas. Há uma demanda pela adesão a pautas antirracistas e feministas, bem como a expectativa de oposição ao governo e as pautas do ex-presidente Jair Bolsonaro (2019-2022).

Há casos em que as diretrizes da própria organização pautam os critérios de seleção das pessoas participantes. É o caso do Movimento das Mulheres do Campo e da Cidade do Pará – MMCC (Pará, criado antes de 2013)⁹, em que não há discriminação de partidos – sejam eles de direita ou de esquerda –, desde que a pessoa interessada em fazer parte do programa esteja alinhada às bandeiras da iniciativa:

Ele [o movimento/iniciativa] filia qualquer [interessada/o] que se encaixe dentro das principais bandeiras da política do movimento, que é a defesa do direito da mulher e a garantia da saúde, garantia da educação, de acesso à educação, a luta contra a violência. Se ela é da direita, se ela é da esquerda, ela precisa se enquadrar nessa defesa. – Maria de Lourdes, MMCC (Pará, criado antes de 2013)

Karin, da iniciativa Elas no Poder (nacional, criada em 2018) também explica que a organização não se atém ao espectro político, mas ao que entende como “pautas importantes”, de modo que participantes vindas de movimentos conservadores não são aceitas:

8. Iniciativa não criada sem o objetivo de formação de candidatas e candidatos para a política e exclusiva para mulheres negras.

9. Iniciativa criada sem o objetivo de formação de candidatas e candidatos para a política e não exclusiva para mulheres negras.

E aí a gente não aceita movimentos de mulheres conservadoras que são anti às pautas que a gente acha importantes, senão essenciais. Então, tem que ser, de alguma maneira, progressista, não precisa ser de esquerda, mas tem que ser progressista, no sentido de entender o feminismo como relevante. – Karin, *Elas no Poder* (nacional, criado em 2018)

Portanto, as iniciativas têm clareza quanto ao público que querem atender e formar, a fim de impulsioná-lo para o ingresso na política formal. Nas próximas seções, identificaremos por quais meios e com qual estrutura as organizações analisadas dão conta desse desafio.

3. QUAL O NÍVEL DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DAS INICIATIVAS? COMO SÃO ESTRUTURADAS?

Para nossa análise, é importante que chamemos todas essas organizações estudadas de iniciativas. Pelas características que essas e esses atores políticos têm em comum, entendemos ser possível aglutiná-las sob esse mesmo termo. Porém, nem todas essas iniciativas se definem desta maneira. Para entender melhor como se estruturam, perguntamos às iniciativas sobre como elas se autoidentificam.

A maior parte das organizações analisadas – 18 (45%) – se autoidentifica como organização da sociedade civil ou ONG. Doze (30%) se identificam como movimento social. Uma iniciativa se entende como a junção das duas categorias acima: ONG e movimento social. Duas (5%) iniciativas entendem a si mesmas como iniciativa e iniciativa coletiva. As outras organizações se identificam cada uma de uma forma, incluindo articulação de organizações de mulheres negras; associação estadual; fórum; coletivo; e partido político¹⁰.

Em sua maioria, as iniciativas não têm CNPJ. Dentre as 40 analisadas, 25 (63%) não têm CNPJ e 15 (37%) têm. É um dado que nos informa sobre o grau de institucionalização dessas organizações. Tal recorte também é um marcador relevante para que se possa identificar possíveis diferentes padrões de resultados. Assim, utilizando o recorte “ter ou não

10. A menção foi feita pela iniciativa Raízes 88, que se organiza para, no futuro, tornar-se o primeiro partido negro do Brasil. Entretanto, a iniciativa ainda não foi oficialmente registrada como tal. Como a pergunta era de autodeclaração, optamos por mencionar essa percepção.

CNPJ” como medida de institucionalização, as análises que se seguem também terão o marcador da institucionalização como referência, bem como o surgimento com a finalidade de formação de candidatas e candidatos e a exclusividade para mulheres negras, conforme já mencionamos.

Dentre as 15 iniciativas institucionalizadas, 12 (80%) se identificam como ONGs. É possível pensar que a autoidentificação como ONG favoreça, em alguma medida, o desejo de institucionalização, quando comparada à autoidentificação como movimento social e outros atores mais ligados à esfera da sociedade civil que possam sugerir mais fluidez de fronteiras entre cidadania e sociedade.

A maior parte das organizações criadas com o objetivo de formação de candidatas e candidatos não é institucionalizada. Das 12 criadas com este propósito, 8 (66%) não são institucionalizadas e 4 (33%) são. Identificamos também que somente 2 das 9 organizações exclusivas para mulheres negras são institucionalizadas.

Além da institucionalização, um dos aspectos que diferenciam as organizações é a estrutura de trabalho, especialmente quando se trata do número de colaboradoras e colaboradores. Como demonstra a Tabela 1, há grande heterogeneidade no número de pessoas colaboradoras das iniciativas, variando de um mínimo de 2 – como é o caso das iniciativas Eu Voto em Negra (Ceará, criada em 2020)¹¹ e da organização Meu Voto Será Feminista (nacional, criada em 2018)¹² – até um máximo de 170, do RenovaBR (criado em 2017). O número de colaboradoras e colaboradores das iniciativas varia bastante, tendo, em média, 23 colaboradores cada. Apenas em 26% iniciativas – 6, do total de 23 – as colaboradoras e colaboradores são remunerados em sua totalidade.

Treze iniciativas (35% das 38 iniciativas analisadas para a Tabela 1¹³) contam exclusivamente com trabalho voluntário. Mesmo as iniciativas que empregam pessoas com remuneração dependem do trabalho de voluntárias e voluntários para funcionar.

11. Iniciativa criada sem a finalidade de formação de candidatas, exclusiva para mulheres negras e não institucionalizada.

12. Iniciativa criada com o propósito de formação de candidatas, exclusiva para mulheres negras e não institucionalizada.

13. Nem todas as iniciativas informaram o número de pessoas colaboradoras e funcionárias.

Vale ressaltar que as iniciativas que foram criadas com a finalidade de formar candidaturas contam com uma média mais alta de colaboradoras e colaboradores, remunerados ou voluntários, do que as organizações que não surgiram com a mesma finalidade¹⁴.

Tabela 1. Número de pessoas que trabalham nas iniciativas, por tipo de trabalho¹⁵

Tipo de trabalho	Mínimo	Máximo	Média
Voluntário	0	140	18
Remunerado	0	30	6
Total	2	170	23

Quando analisamos as iniciativas institucionalizadas em relação às não institucionalizadas, identificamos que as primeiras apresentam médias mais altas tanto no número de pessoas voluntárias, quanto em trabalhadoras e trabalhadores remunerados.¹⁶

O dado que mais se destaca é a diferença no número de pessoas colaboradoras em iniciativas exclusivas para mulheres negras e nas não exclusivas. A média de colaboradoras e colaboradores nas iniciativas exclusivas é consideravelmente inferior quanto ao perfil da colaboração: enquanto as iniciativas não exclusivas para este grupo contam com uma média de 26 pessoas colaboradoras (20 voluntárias/os e 6 remuneradas/os), as iniciativas exclusivas para mulheres negras têm uma média de 12 (sendo 11 voluntárias/os e 5 remuneradas/os)¹⁷.

Independentemente dos recortes por categorias, os dados acima revelam a relevância do voluntariado para o funcionamento das iniciativas. O trabalho voluntário é uma ação que requer investimento de tempo e envolvimento. Portanto, entender por que as pessoas se engajam nessas atividades não remuneradas, apesar do tempo empregado, é importante para garantir a sustentabilidade do trabalho das iniciativas.

Por meio das entrevistas, tentamos entender o que motiva as pessoas voluntárias a doarem seu tempo para estas instituições. Grande parte das entrevistadas – 30 (75%) – en-

14. Quando fazemos a comparação entre aquelas que foram criadas com o propósito de formação e aquelas que não foram originalmente criadas para isso, a média de pessoas que trabalharam em iniciativas de apoio a candidatas e candidatos em 2022 é de 40 pessoas em iniciativas criadas para formação e 17 para as demais. Quando se trata de voluntárias e voluntários, a média é de 30 pessoas em iniciativas criadas para a formação e 15 para as demais. Quanto às pessoas que trabalharam de forma remunerada, a média é de 10 em iniciativas que surgiram para formação e de 4 para as demais.

15. Duas iniciativas foram excluídas das análises apresentadas na Tabela 1 por não terem oferecido atividades de formação em 2022. São elas Coletivo Marielle Franco, de Londrina, Paraná (criado em 2018) e a iniciativa Vote Nelas, Barra do Pirai, Rio de Janeiro (criada em 2020).

16. Média de colaboradoras e colaboradores em iniciativas institucionalizadas: pessoas que trabalharam no programa de apoio a candidaturas em 2022 (média de 28 em iniciativas institucionalizadas e de 20 nas não institucionalizadas); pessoas que trabalharam de forma voluntária (média de 18 em iniciativas institucionalizadas e de 18 nas demais); e pessoas que trabalharam também de forma remunerada (média de 8 para iniciativas institucionalizadas e de 5 nas não institucionalizadas).

17. Algumas iniciativas reportaram número de voluntários de forma adicional ao número de trabalhadoras e trabalhadores. Por isso, a soma do número de pessoas voluntárias e remuneradas e de trabalhadoras/es remuneradas/os é superior à de trabalhadoras e trabalhadores totais reportadas/os.

tende que o que motiva as pessoas voluntárias é a crença no propósito da organização. A fala de Karin, da iniciativa Elas no Poder (nacional, criada em 2018)¹⁸, ilustra bem essa motivação.

Eu acho que é porque é uma causa em que elas acreditam. Elas entendem que a gente realmente precisa colocar mais mulheres na política. [...] Eu acho que é isso, fazer parte de um objetivo maior. É saber que você está contribuindo para conquistar o maior. – Karin, Elas no Poder (nacional, criada em 2018)

Outro fator que contribui para que as pessoas se voluntariem é o fato de a ação estar sendo realizada por pessoas amigas, e a participação na vida em comunidade. Nesse caso, enquadram-se 2 iniciativas (11%). A fala de Danielle, da iniciativa Encruzilhadas do Poder/organização ACIYOMI (Pará, criada antes de 2013)¹⁹ ilustra esta análise:

As pessoas têm uma questão na comunidade da afetividade. A gente teve uma de nossas companheiras que foi candidata; ela, inclusive, é uma de nossas fundadoras. E a candidatura dela foi das pessoas, principalmente das pessoas do bairro, da associação. Tu tens que vir como candidata das pessoas que não sentiram motivadas no processo político, mas que ao enxergarem determinada pessoa se sentem provocadas, motivadas, para estarem nesse espaço, e param e querem de alguma forma contribuir. Danielle, ACIYOMI (Pará, criada antes de 2013)

O depoimento sobre voluntariado, de Dandara, da iniciativa Todaz na Política (nacional, criada em 2021)²⁰, é um bom exemplo de coocorrência de categorias. No trecho a seguir, identificamos a presença de dois elementos que motivam a ação voluntária de, segundo a percepção dela:

E eu acho que [elas são motivadas] por concordarem com o nosso propósito. Nosso grupo de voluntários é formado por pessoas de grupos minoritários que são muito violentados na sociedade. Então a gente tem duas pessoas trans e temos pessoas muito jovens, em início de carreira. Então, acho

18. Iniciativa criada com o propósito de formação de candidatas e candidatos, não exclusiva para mulheres negras e institucionalizada.

19. Iniciativa que não nasceu com a finalidade de formação de não exclusiva para mulheres negras e não institucionalizada.

20. Iniciativa criada com o propósito de formação de candidatas e candidatos, não exclusiva para mulheres negras e não institucionalizada.

que são dois fatos, assim, a possibilidade de aprendizado, a sensação de pertencimento, de preenchimento de um propósito, e a necessidade de fazer parte de uma comunidade que dialogue na mesma língua e que traga afetividade, que traga respeito. Acho que é isso, sim, isso que mantém um voluntário. Porque se não tiver essas três coisas, intimidade, propósito e sensação de pertencimento, não funciona. Eles não fariam. – Dandara, *Todaz na Política* (nacional, criada em 2021)

Um terceiro dado esperado, teoricamente, mas que não foi encontrado nas 39 iniciativas entrevistadas²¹, é o tipo de voluntariado motivado pela intenção futura de entrar na política. Ou seja, as lideranças das iniciativas não identificaram que as pessoas voluntárias doam seu tempo para as atividades porque têm o propósito de tentarem uma candidatura no futuro.

É válido ressaltar que 6 (15%) iniciativas não têm voluntariado. Uma delas, Instituto Alziras (nacional, criado em 2017)²², explicitou que essa foi uma decisão política recente, já que inicialmente contava com colaboração voluntária. No entanto, o grupo optou por não trabalhar mais com voluntariado por considerar que as pessoas voluntárias, na maior parte mulheres, já vivem em condições de sobrecarga na sociedade e que, por isso, as atividades que desenvolviam na iniciativa precisavam ser consideradas um trabalho a ser remunerado.

As motivações que pautam a ação de colaboração, bem como a opção por não fazer trabalho voluntário, ocorrem indistintamente, independentemente das organizações terem sido criadas para a formação política, de serem exclusivas para mulheres negras ou de serem institucionalizadas.

4. NAS ELEIÇÕES DE 2022, COMO SE DERAM RECRUTAMENTO, SELEÇÃO E PARTICIPAÇÃO?

Para atrair potenciais participantes, todas as iniciativas realizam um processo ativo de recrutamento. Este processo tem como objetivo identificar pré-candidatas, pré-candidatos e pessoas potencialmente interessadas em entrar para a política formal. O primeiro passo para saber como as organizações

21. Lembramos que, apesar de 40 iniciativas terem preenchido o questionário, 39 foram as que participaram das entrevistas semiestruturadas das quais provêm essas informações.

22. Iniciativa criada sem o propósito de formar candidatas/os para a política, não exclusiva para mulheres negras e institucionalizada.

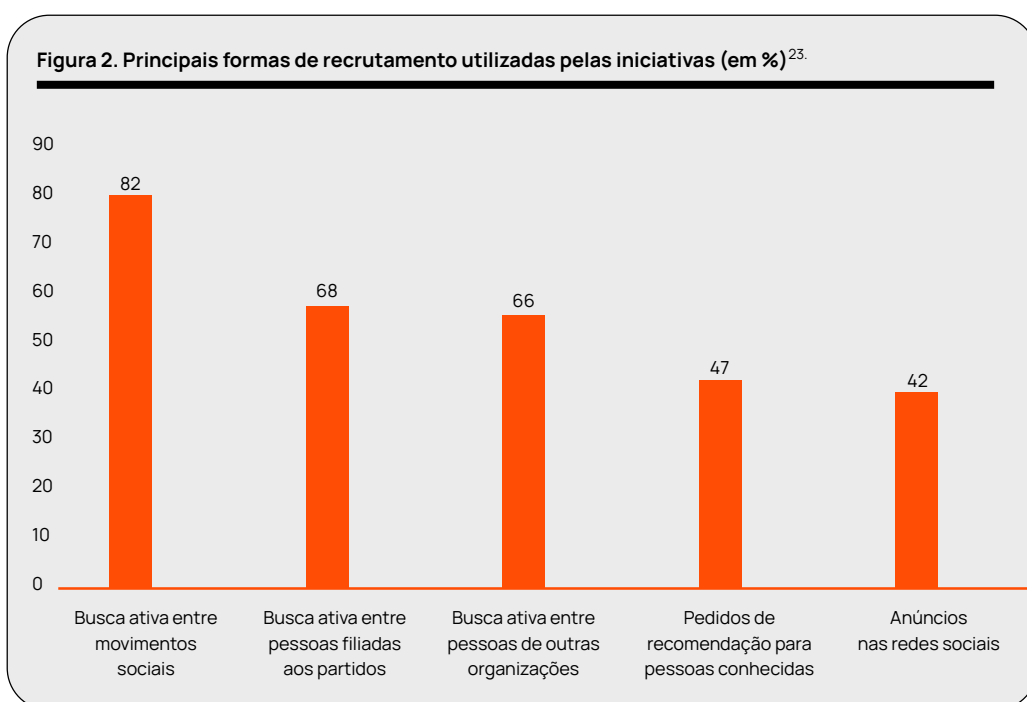
formam suas lideranças é, portanto, entender como elas atraem possíveis candidatas e candidatos para os programas de formação.

As estratégias para recrutamento variam: anúncios nas redes sociais (Instagram, TikTok, Youtube); anúncios em sites de busca (Google, Yahoo); anúncios em jornais/mídias tradicionais; pedidos de recomendação de nomes para pessoas conhecidas; busca ativa (conversas, reuniões) entre pessoas filiadas aos partidos políticos; busca ativa (conversas, reuniões) entre pessoas universitárias; busca ativa (conversas, reuniões) nas igrejas; busca ativa (conversas, reuniões) entre pessoas de movimentos sociais; busca ativa (conversas, reuniões) entre pessoas de outras organizações.

Pelas respostas, é possível identificar um movimento intencional das iniciativas no processo de recrutamento, de modo que as cinco primeiras opções mais mencionadas pelas lideranças entrevistadas, as quais podiam marcar mais de uma opção de resposta, foram busca ativa (entre movimentos sociais, pessoas filiadas e outras organizações), solicitação de indicação e anúncios nas redes sociais, conforme indica a Figura 2.

23. Trinta e oito iniciativas fazem parte das análises sobre recrutamento e seleção de participantes, já que duas organizações não tiveram atividades em 2022.

21



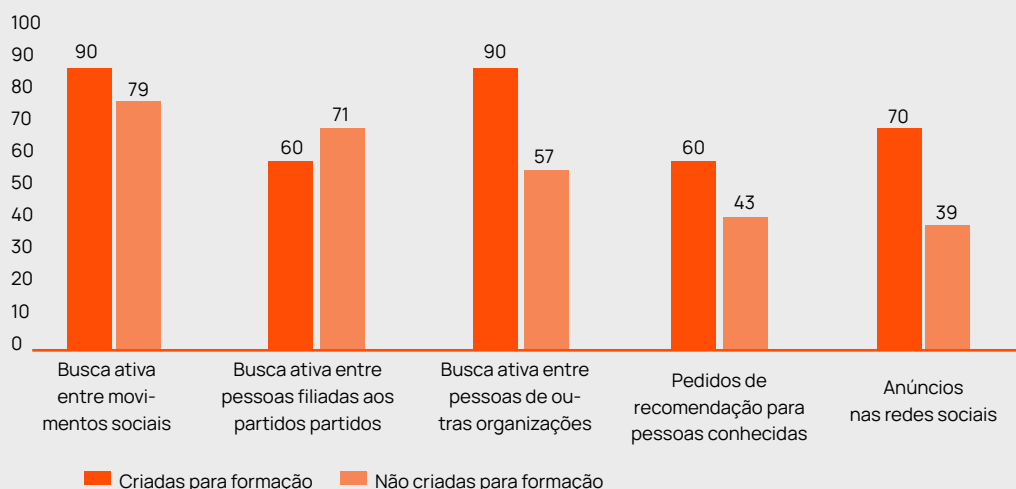
A busca ativa entre pessoas de movimentos sociais foi citada pela maior parte das iniciativas: 31 (82%); logo em seguida, foi mencionada a busca ativa entre pessoas filiadas aos partidos políticos: 26 (68%) organizações; em terceiro lugar, aparece a busca ativa entre pessoas de outras organizações, opção de 25 iniciativas (66%); em quarto lugar, estão os pedidos de recomendação de nomes para pessoas conhecidas, citados por 18 (47%); e, em quinto, aparecem os anúncios em redes sociais (como Instagram, TikTok, Youtube), mencionados por 16 (42%) iniciativas.

Ou seja, apesar de terem o objetivo de formar candidaturas novas, as iniciativas tendem a buscar lideranças ou possíveis lideranças que já têm algum perfil de participação no espaço político, ainda que não institucional. Para algumas iniciativas, o recrutamento de lideranças é feito de modo endógeno, ou seja, quem participa da formação são membros da própria organização. É o caso da Rede Feminista Antiproibicionista - RENFA (nacional, criada em 2016)²⁴, que fortalece candidaturas de integrantes da própria organização.

Quando verificamos se há diferença entre as estratégias de recrutamento de participantes nas iniciativas que foram criadas com o propósito de formar candidatas e candidatos, em comparação com aquelas que não foram criadas com o mesmo propósito, é possível perceber algumas diferenças no uso de determinados recursos, em detrimento de outros. As cinco formas de atrair pessoas continuam sendo as mais mencionadas. Contudo, a frequência muda de acordo com o grupo. A Figura 3 nos ajuda a compreender o cenário.

24. Iniciativa criada sem o propósito de formar candidatas e candidatos, não exclusiva para mulheres negras e institucionalizada.

Figura 3. Principais formas de recrutamento das iniciativas (comparação entre as iniciativas criadas originalmente para formação política e as iniciativas criadas sem este propósito) (em%)



Das 10 organizações²⁵ criadas com o propósito de formação de candidaturas, os dois recursos mais usados para atrair participantes são a busca ativa entre pessoas de movimentos sociais e a busca ativa entre pessoas de outras organizações, citadas por 9 (90%) iniciativas. Em terceiro lugar, aparecem as buscas em redes sociais, citadas por 7 (70%) iniciativas, e as duas últimas, ambas citadas por 6 (60%) iniciativas, são a busca ativa entre pessoas filiadas aos partidos políticos e pedidos de recomendação entre pessoas conhecidas. A ordem de prioridades é diferente em relação às iniciativas que foram criadas sem com a finalidade inicial de formação política, embora o primeiro lugar também seja a busca ativa entre pessoas de movimentos sociais, citada por 22 (79%), das 28 organizações deste grupo. Em segundo lugar, entretanto, encontra-se a busca ativa entre pessoas filiadas aos partidos políticos, mencionada por 20 (71%) organizações. Este número pode indicar o alinhamento de algumas iniciativas com partidos políticos, especialmente os de esquerda, como descreveremos mais adiante.

É interessante notar, ainda, que apenas 12 (43%) e 11 (39%) iniciativas criadas sem o propósito inicial de formar candidatas e candidatos para a política mencionaram pedir recomendação de nomes para pessoas conhecidas e fazer anúncios nas redes sociais, sugerindo que as estratégias destes dois grupos são distintas.

25. Duas iniciativas criadas com o propósito de formação para a política não estão contempladas na análise por não terem realizado atividades em 2022.

Quanto ao recorte específico sobre as iniciativas exclusivas para mulheres negras, o único destaque é que todas as 9 iniciativas mencionaram recrutar participantes por meio de busca ativa entre pessoas de movimentos sociais. Essa frequência diminui nas iniciativas não exclusivas para mulheres negras, dentre as quais 75% mencionaram essa prática (22 organizações do total de 29).

Quando se trata do nível de institucionalização, o comportamento das iniciativas institucionalizadas e não institucionalizadas tende a não apresentar um padrão distinto entre si, exceto por um ponto: iniciativas não institucionalizadas mencionaram recrutar participantes por meio de pedidos de recomendação para pessoas conhecidas, mais do que as institucionalizadas. Quatro iniciativas, das 15 institucionalizadas (26%), citaram essa opção, contra 60% (14 iniciativas) das 23 não institucionalizadas.

Uma vez que identificam pessoas interessadas em participar dos seus programas, as iniciativas têm a tarefa de selecionar participantes. Em alguns casos, os processos seletivos são estruturados. Em outros, existe alguma linha de corte que prescinde do processo seletivo, relacionada ao público-alvo, como mencionado na seção 3, que envolve não somente questões ligadas à raça e ao gênero participantes, como também a posicionamentos políticos alinhados aos da iniciativa. Isto é, pode não haver um processo seletivo estruturado, mas já é estabelecido que apenas pessoas de um determinado perfil – pessoas LGBTQIAP+ ou quilombolas, por exemplo – podem participar.

Das iniciativas analisadas, 18 (35%) realizaram processo seletivo para a escolha de participantes e 20 (52%) não realizaram processo seletivo. Das 15 iniciativas institucionalizadas, 9 (60%) fazem processo seletivo para ingresso de participantes; já das 23 não institucionalizadas, 9 (39%) fazem o processo, demonstrando ser possível associar os processos seletivos a um maior nível de institucionalização das iniciativas. Os demais recortes não demonstraram uma diferenciação evidente.

Das iniciativas que realizam processo seletivo ou reportaram que, apesar de não fazerem, promovem alguns cortes na fase de recrutamento, foi possível identificar três diferentes critérios.

O critério mais utilizado pelas iniciativas é a expectativa de que as pessoas participantes estejam alinhadas à ideologia da organização – critério de 24 (63%) iniciativas. Para identificar tal alinhamento durante o processo seletivo, as iniciativas utilizam diversas estratégias, como: 1) declarações de compromisso com bandeiras ou manifestos; 2) auto-identificação com termos-chave, como “progressistas”, “feministas” e/ou “antirracistas”; e 3) filiação a partidos políticos com ideologia política específica (como de esquerda). A fala de João, da iniciativa Instituto Clima de Eleição (nacional, criada em 2020)²⁶ ilustra o exemplo desse critério, cujo ponto de corte está associado ao alinhamento da agenda programática da pessoa participante ao da organização:

E [o critério é] que ela [a pessoa] faça um comprometimento que envolve uma série de pontos, inclusive direitos humanos, defesa da democracia, ambição pela ação climática. – João, Clima de Eleição (nacional, criada em 2020)

O segundo critério mais citado, utilizado por 19 (50%) iniciativas, diz respeito a pessoas que representam determinado grupo marginalizado na política ou que estabelecem como critério a preocupação quanto à diversidade de gênero, raça, região, de acordo com a distribuição no país. A fala de Karin, da iniciativa Elas no Poder (nacional, criada em 2018)²⁷, demonstra como a seleção pode ser organizada segundo as prioridades de cada iniciativa:

A gente tem as nossas priorizações, que são movimentos de mulheres indígenas, negras, quilombolas, LGBTQIAP+ e com deficiência, e periféricas. Então, esses são os nossos encontros presenciais. Eles são para elas e são exclusivos. – Karin, Elas no Poder (nacional, criada em 2018)

26. Iniciativa criada para formação de candidatas e candidatos, não exclusiva para mulheres negras e institucionalizada.

27. Iniciativa criada para formação política de candidatas e candidatos, não exclusiva para mulheres negras e institucionalizada.

O terceiro critério mais utilizado – pessoas que já tenham atuação prévia na política não institucional, utilizado por 10 iniciativas (26%) – pode ser exemplificado pela fala da Mônica, da Rede de Mulheres Negras de Pernambuco (nacional, criada em 2016)²⁸:

Tem a coisa da trajetória, nós queremos apoiar ativistas. Você tem pessoas negras que não têm militância contra o racismo, né? Tem que ter trajetória de militância. Para nós isso é importante. Então, a gente vai manejando esses critérios. – Mônica, Rede de Mulheres Negras de Pernambuco (nacional, criada em 2016)

Algumas organizações fazem sua seleção baseadas em mais de um dos três critérios mencionados, como diz Mônica, que enfatiza a exigência do perfil de mulheres negras, mas também a trajetória militante, como um recorte do processo seletivo.

Ao analisarmos a simultaneidade de critérios, é interessante notar que todas as iniciativas que indicaram preferência por pessoas com atuação prévia na política não institucional apresentaram coocorrência com a preferência por pessoas que representem um grupo marginalizado na política, com exceção de duas iniciativas que já fazem essa distinção na sua gênese, pois são exclusivas para mulheres negras. Esse dado pode indicar o intuito de algumas organizações de selecionar lideranças com mais enraizamento social, visando potencializar lideranças orgânicas de grupos marginalizados.

Para as iniciativas que conduzem um processo seletivo estruturado, o mesmo pode ocorrer com o uso de diversas estratégias – como entrevistas, leitura de currículo, análise de redes sociais e/ou dinâmicas individuais ou em grupo. Por exemplo, como detalhou Emília, da organização Goianas na Urna (Goiás, criada em 2019)²⁹:

A seleção se dava por envio de vídeo ou até um áudio falando das motivações, do porquê ela queria fazer parte, e teve entrevista por competências e as formações de cada uma. – Emília Goianas na Urna (Goiás, criada em 2019).

28. Iniciativa criada com o objetivo de apoiar candidatas, não exclusiva para mulheres negras e não institucionalizada, que investe em recursos virtuais para selecionar as participantes.

29. Iniciativa criada com o objetivo de apoiar candidatas, não exclusiva para mulheres negras e não institucionalizada, que investe em recursos virtuais para selecionar as participantes.

Rodrigo, representante do RenovaBR (nacional, criado em 2017)³⁰, a maior das organizações entrevistadas, em número de participantes, também detalhou o passo a passo utilizado por sua organização, processo que começa com cotas que visam espelhar a população brasileira de acordo com raça, gênero e regionalidade, mas também variáveis como curso prévio sobre liderança, para verificação de comportamento das pessoas interessadas; avaliação de vídeos de participantes narrando suas trajetórias; uso de algoritmos para garantir a diversidade; e, finalmente, etapa de “tomada de decisões”, quando são avaliadas a capacidade argumentativa, ética e disposição para discutir ideias, deliberar e acatar argumentos dos pares. De acordo com Rodrigo, durante essas diferentes etapas, a organização consegue identificar dois elementos-chave: a motivação e a trajetória das pessoas interessadas no programa. Como ele mesmo explica:

A gente busca que a pessoa tenha de fato uma motivação legítima e interessante para entrar na escola e, logicamente, uma história de vida que mostre que ela saia do ponto A e vá para um ponto B de maneira interessante. A gente quer saber os motivos da pessoa querer entrar na vida pública, na política, os projetos que ela já realizou de alguma forma. Qual esse delta, entendendo muito bem o ponto de partida das pessoas e não só o ponto de chegada. Isso é muito importante para a gente. – Rodrigo, RenovaBR (nacional, criado em 2017)

Depois de recrutar e selecionar as pessoas interessadas, tem-se um quadro de participantes das atividades ofertadas pelo programa de formação que, de acordo com a expectativa, irão se lançar como candidatas e candidatos nas eleições. A Tabela 2 reúne número de pessoas inscritas, selecionadas, participantes do curso/das atividades e candidatas. É esperado que esses valores se afunilem com o passar das etapas de recrutamento, seleção, participação e candidatura. O número de pessoas selecionadas pode ser igual ao de participantes, mas espera-se que menos pessoas saiam candidatas, porque se entende que a formação de candidatas e candidatos não é um projeto de curto prazo, mas um investimento na trajetória política.

30. Iniciativa que surgiu com o objetivo de formar candidatas e candidatos, não exclusiva para mulheres negras e institucionalizada.

Tabela 2. Número de pessoas inscritas, selecionadas, participantes e candidatas das 21 iniciativas que forneceram essas informações³¹

	Mínimo	Máximo	Média
Inscritas	1	16.000	840
Selecionadas	1	250	45
Participantes ³²	4	250	44
Candidatas	0	250	34

Como mostra a Tabela 2, há grande heterogeneidade entre as iniciativas. Observando apenas o número de inscrições recebidas, a variação vai de 1 inscrição – caso da iniciativa Associação Comunidades Remanescentes de Quilombos do Estado do Rio de Janeiro – Acquilerj (Rio de Janeiro, criada antes de 2013)³³ – até 16 mil inscrições, como foi o caso do RenovaBR. Além do RenovaBR, outras 5 (29%) iniciativas receberam centenas de inscrições – entre 100 e 600, precisamente. As demais 15 (62%) iniciativas receberam entre 1 e 100 inscrições.

Quando avaliamos o número de pessoas aceitas, participantes e candidatas, a variação é menor, já que organizações que recebem grande número de inscrições, tais como RenovaBR e Meu Voto Será Feminista (nacional, criada em 2018)³⁴, por exemplo, fazem um corte considerável para chegar ao número de pessoas aceitas: o primeiro selecionou 217 pessoas e a segunda selecionou 250 pessoas das 400 inscritas. Este número de pessoas selecionadas representa o maior número reportado. Em média, as iniciativas selecionam 45 pessoas. Das iniciativas analisadas, um mínimo de 4 e um máximo de 250 pessoas participaram dos programas de formação: uma média de 44 participantes por iniciativa. As iniciativas também reportaram valor mínimo de 1 e máximo de 250 candidatas/os, com média de 34 candidaturas lançadas por organização.

Ao observarmos os números acima segundo seus objetivos, desde a criação da iniciativa, é possível encontrar um padrão que distingue aquelas que foram criadas com o propósito de formação de candidaturas, para a política daquelas que não foram criadas com tal propósito. Identificamos que a média

31. Para manter a consistência, a Tabela 2 apresenta dados das 21 iniciativas que forneceram informações para todas as categorias de inscritas/os, selecionadas/os, participantes e candidatas.s. Como o objetivo da análise é verificar a trajetória após o recrutamento, é necessário observar sempre as mesmas iniciativas (com dados para todas as categorias). Treze iniciativas não reportaram dados de participantes efetivos, 12 iniciativas não souberam o número de pessoas inscritas e eleitas, e 10 iniciativas não sabiam o quantas pessoas haviam sido selecionadas. Duas iniciativas não reportaram participantes porque não tiveram ações em 2022.

32. Essa categoria diz respeito à participação efetiva do Programa. Se considerarmos os participantes, de modo geral, temos o mínimo de 2, o máximo de 427 e uma média de 58 participantes por organização. O valor máximo chegou até mil participantes, porque muitas lideranças em formação convidam suas assessorias para participarem dos cursos, para que aprendam a desenvolver melhor o trabalho que elas próprias desempenharão.

33. Iniciativa criada sem a motivação de formação candidatas e candidatos, para a política, não exclusiva para mulheres negras e institucionalizada.

34. Iniciativa criada para a formação de candidatas e candidatos, não exclusiva para mulheres negras e não institucionalizada.

de pessoas inscritas, selecionadas, participantes e candidatas é mais alta em iniciativas que já surgiram com o objetivo de formar/apoiar candidaturas: no caso de pessoas inscritas, temos média de 316³⁵ contra uma média de 40 (nas não criadas com propósito de formação) no caso de selecionadas/os, a média é de 150 contra 17; em se tratando de participantes, a média é de 138 contra 19; e no que se refere a candidaturas, a média é de 93 por iniciativas com o propósito de formação para a política, contra 15 em iniciativas que não surgiram com este objetivo.

Também identificamos um padrão diferente nas iniciativas exclusivas e não exclusivas para mulheres negras: iniciativas exclusivas para mulheres negras apresentam médias mais baixas do que as organizações não exclusivas para mulheres negras. Especificamente, as iniciativas exclusivas para mulheres negras apresentaram uma média de 70 inscritas, 19 selecionadas, 19 participantes e 18 candidatas. Já as não exclusivas para mulheres negras apresentaram média de 88 pessoas inscritas, 46 selecionadas, 46 participantes e 31 candidatas³⁶.

O grau de institucionalização das iniciativas também é importante para esta análise: em geral, as iniciativas institucionalizadas apresentam médias mais baixas do que as não institucionalizadas. As iniciativas institucionalizadas declararam receber em média 85³⁷ inscrições, selecionar 30 pessoas, ter 30 participantes e lançar 11 candidaturas. Apesar de receberem, na média, um menor número de inscrições (79), as iniciativas não institucionalizadas selecionam uma média de 42 pessoas, têm 42 participantes e lançam 39 candidaturas. Essa diferença talvez se dê porque, nas não institucionalizadas, os números de participantes e candidaturas caem menos do que entre as institucionalizadas, para as quais o efeito de afunilamento é um pouco mais acentuado na passagem de uma condição para a outra (de participante para candidata e candidato), em alguns casos até aumenta o número na passagem de pessoas selecionadas para participantes de fato.

35. A fim de possibilitar uma avaliação com menos viés, optamos por excluir desta comparação os dados do RenovaBR, que puxariam os valores médios para cima, enviesando muito os resultados das iniciativas criadas com o propósito de formar candidaturas para a política. Os valores médios com a inclusão do RenovaBR na amostra são: 4.237 pessoas inscritas; 166 elecionadas; 152 participantes; e 118 candidatas..

36. Novamente, a fim de possibilitar uma avaliação com menor viés, optamos por excluir desta comparação os dados do RenovaBR, que puxariam os valores médios para cima, enviesando muito os resultados das iniciativas não exclusivas para mulheres negras. Os valores médios com o RenovaBR na amostra são: 1.224 pessoas inscritas; 58 selecionadas; 57 participantes; e 43 candidatas.

37. Mais uma vez o RenovaBR foi excluído da análise comparativa de médias para que o resultado não ficasse enviesado. O resultado das médias de participantes de iniciativas institucionalizadas, com a inclusão do RenovaBR na amostra, são: 1.677 pessoas inscritas; 49 selecionadas; 49 participantes; e 29 candidatas.

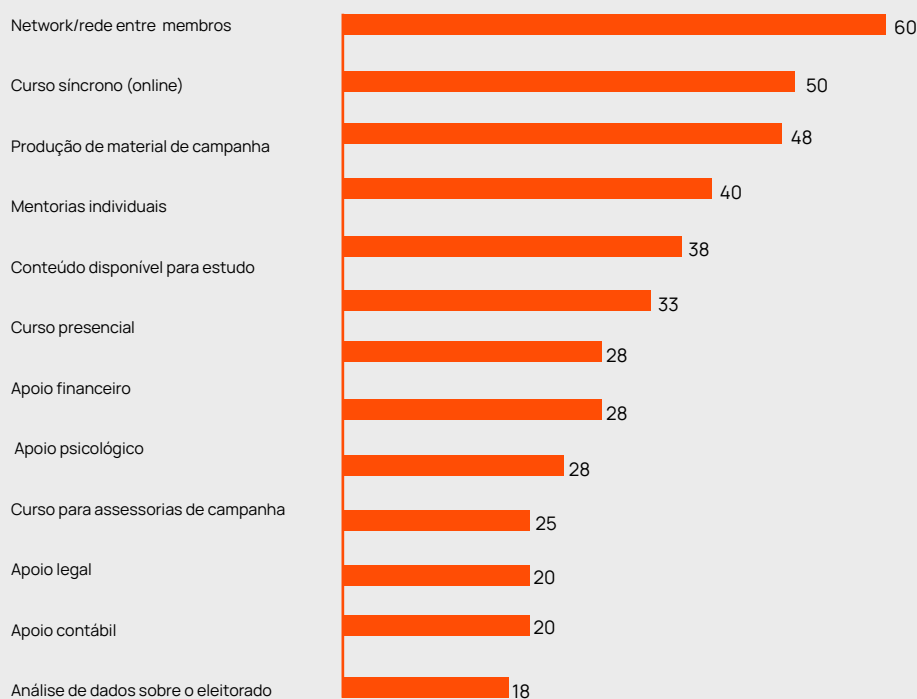
5. QUAIS FORAM OS SERVIÇOS OFERECIDOS PELAS INICIATIVAS? POR QUE DECIDIRAM OFERECER ESSAS ATIVIDADES?

As iniciativas pesquisadas para este Relatório têm o objetivo comum de oferecer formação para candidatas e candidatos. Apesar disso, são diferentes os cursos e serviços oferecidos a participantes. A Figura 4 reporta tais atividades de acordo com sua frequência. Vale lembrar que cada organização tende a oferecer mais de uma atividade.

As quatro atividades mais citadas foram criação de redes de contato entre participantes, ou seja, a criação de network, mencionada por 24 (60%) iniciativas; o curso online síncrono, citado por 20 (50%) iniciativas; a produção de material de campanha, como fotos, site, santinho – serviço oferecido por 19 (47%) organizações; e as mentorias individuais, mencionadas por 16 iniciativas (40%).

A atividade mais destacada (rede de relações entre as/os participantes) é considerada pelas lideranças das iniciativas bastante importante no processo de formação política.

Figura 4. Frequência das atividades ofertadas pelas iniciativas de apoio a candidaturas (em %)



Para candidaturas com uma trajetória mais consolidada, ter uma rede de apoio se traduz em mais capital político e maior chance eleitoral. No caso aqui estudado, a rede entre participantes cumpre um papel distinto. De acordo com as entrevistas, as iniciativas, com base nas trocas realizadas e no diálogo com pares, facilitam a percepção de que as dificuldades enfrentadas como pessoas novatas na política não são questões individuais, e, sim, barreiras institucionais que afetam todo um grupo.

Como as entrevistas destacam, as trocas entre participantes por meio dessas redes também lhes permite entender que a relação com os partidos políticos pode ser complexa, sobretudo no que diz respeito à liberação de financiamento para campanha. Para as lideranças entrevistadas, essa sensação de “não é só comigo” traz alívio e uma sensação de acolhimento, de pertencimento entre membros – algo também mencionado de forma bastante enfática entre candidatas e candidatos, conforme registrado no relatório sobre o tema. De acordo com as entrevistas, o network criado entre participantes permite um ambiente de maior troca e convergência, especialmente entre as pessoas de grupos marginalizados na política, que deixam de se entender como as entrevistas, – conforme, segundo as lideranças, é fomentado dentro do ambiente partidário – e passam a se perceber como aliadas com um mesmo propósito: o crescimento de novos quadros de diversidade na política. Hannah, da iniciativa Tenda das Candidatas (nacional, criada em 2020)³⁸, detalha este processo:

A rede que a gente constitui é muito importante também para elas trocarem impressões relativas aos partidos, porque muitas vezes as mulheres acham que estão sendo perseguidas pessoalmente e não percebem isso como uma coisa estrutural, que os partidos são machistas, e são racistas, e são LGBTfóbicos. Quando elas podem trocar isso entre elas, percebem que 1) não é pontual e 2) elas querem se organizar para combater isso. – Hannah, Tenda das Candidatas (nacional, criada em 2020)

Além de construção de rede, muitas iniciativas também men-

38. Iniciativa criada com o objetivo de formação de candidatas e candidatos, não exclusiva para mulheres negras e não institucionalizada.

cionaram realizar cursos online. Considerando que encontros presenciais exigem mais recursos financeiros e tempo, espaço físico disponível, deslocamento, alimentação, condições para mães acompanhadas de crianças etc., o curso síncrono online foi considerado uma boa alternativa para muitas organizações. Esse tipo de atividade, porém, pode dificultar a consolidação das redes entre as/os participantes – um ponto negativo mencionado por algumas iniciativas.

Como mencionamos na pesquisa +Representatividade: Eleições 2020 (GATTO; RUSSO; THOMÉ, 2021), quando se trata de campanhas de pessoas de grupos sub-representados, uma das grandes barreiras para sua viabilidade eleitoral é o difícil acesso a recursos de campanha, no que diz respeito a valores e ao momento da liberação do montante³⁹. O objetivo das iniciativas, ao investirem na produção de material de campanha em período antes do início da campanha é, de alguma forma, atenuar esse problema. A assistência com material de campanha inclui, por exemplo, apoio para o desenvolvimento de sites/perfis em redes sociais e contratação de maquiadoras/es e fotógrafas/os para produção de imagens profissionais.

Como ilustrado na Figura 4, há grande variação de atividades oferecidas pelas iniciativas. Para entender melhor o que explica essa variação, perguntamos às pessoas representantes das iniciativas como elas decidem o que ofertar. As entrevistadas ofereceram três tipos de justificativa para a seleção de atividades: a primeira diz respeito à vivência em eleições anteriores, tanto das organizações, quanto de candidatas e candidatos, motivando as escolhas de 14 (35%) organizações. O segundo motivo para a decisão sobre quais atividades ofertar diz respeito à maior viabilidade de algumas atividades. Por conta de recursos como tempo, logística, dinheiro e expertise de quem organiza, as iniciativas entendem que algumas atividades são mais viáveis do que outras. Esse foi o motivo mais utilizado pelas pessoas entrevistadas para justificar as escolhas de atividades, mencionado por 20 (50%) iniciativas. Um terceiro motivo para a decisão de ofertar certas atividades é a demanda de participantes dos programas, mencionada por 8 (20%) iniciativas. Tal resulta-

39. Como mostramos no relatório sobre o tema, muitas são as candidaturas com acesso ao financiamento apenas uma semana antes do pleito, sem tempo hábil para que façam um bom uso do recurso e potencializem, de fato, sua candidatura.

do sugere que as iniciativas tendem a definir seus formatos em um momento anterior ao da formação e que demandas específicas do grupo que está se formando não necessariamente são implementadas durante o mesmo ciclo.

Outro fator identificado como motivador de algumas atividades tem a ver com um caráter mais subjetivo e simbólico, da ordem do cuidado, que reflete o acolhimento e pertencimento de candidatas no espaço em que se inserem. Como identificado no Brasil, assim como em outros contextos, mulheres tendem a subestimar seu potencial para liderança, enquanto homens fazem o movimento oposto (FOSCHI; 1996). Algumas coordenadoras relataram que uma das metas de seu trabalho é, portanto, fazer com que as lideranças se identifiquem como tais – um passo anterior ao de formação de política. Isso é identificado em falas como as de Mônica, da COMUNEMA (Pará, criada em 2015)⁴⁰ e de Amanda, da Conectando Mulheres (Espírito Santo, criada em 2018)⁴¹ quando, ao contarem sobre a formação dessas lideranças, não necessariamente fazem uma conexão com a política formal, visando trabalhar com essas mulheres na potencialização de outros recursos para fortalecê-las na sociedade. Nenhuma das organizações acima surgiu com o objetivo de formar candidaturas para a política, e isso parece ser uma possível justificativa para a inclusão de atividades que visam formar lideranças para além da política formal.

A gente precisa trabalhar a automotivação financeira com nossas mulheres. Elas precisam de uma renda, elas precisam de algo que vá produzir. Então a gente já percebeu que a gente vai precisar da exportação e dar essa iniciativa. Incidir nesse sonho. – Mônica, COMUNEMA (Pará, criada em 2015)

O Conectando Mulheres trabalha para fortalecer mulheres que passaram por algum tipo de violência. No início, a gente pensou em violência doméstica, mas a gente viu que a gente tem uma demanda grande das diversas violências que uma mulher pode sofrer. Então, a proposta a essas mulheres, seja financeiramente, seja com um curso de formação, seja de empoderamento mesmo, de autoconhecimento [...]. Muitas dessas mulheres são negras que não se entendem como

40. Iniciativa criada sem o propósito de formação de candidatas., exclusiva para mulheres negras e não institucionalizada.

41. Iniciativa também criada sem o propósito de formação decandidaturas, não exclusiva para mulheres negras, nem institucionalizada.

mulheres negras. Então, é esse o objetivo. – Amanda, Conectando Mulheres (Espírito Santo, criada em 2015)

Falas como essas não estão presentes em todas as entrevistas, sendo mais recorrentes no discurso de entrevistadas das organizações voltadas especificamente para mulheres negras do que das demais. Ainda que a iniciativa Conectando Mulheres não seja exclusiva para mulheres negras, ela é voltada especialmente para mulheres negras, periféricas e pessoas LGBTQIAP+.

A essência deste argumento pode ser ilustrada pela citação abaixo, de Mônica, da Rede de Mulheres Negras de Pernambuco (nacional, criada em 2016)⁴²:

Sabe uma coisa que as mulheres reportam como absolutamente maravilhoso? O fato de a gente ter oferecido sessão de maquiagem e fotografia para elas terem fotos de campanha, profissionais, cuidadas, tal, então, assim, recebê-las, oferecer cuidado, torná-las belas. Várias delas fizeram depoimentos dizendo [que] “ninguém nunca me ofereceu isso de eu chegar, poder me sentar e ter duas maquiadoras. Fazendo a minha maquiagem. Um fotógrafo me esperando ali para me fotografar”. [...] Ser cuidada, [coisa] que para as mulheres negras é algo que muitas das mulheres negras passam a vida inteira sem nunca terem isso, sabe? Então tem aí uma dimensão que é para além do fazer política, que é [nos] fortalecer como mulher, como negra. – Mônica, Rede de Mulheres Negras de Pernambuco (nacional, criada em 2016).

As atividades que já são oferecidas por outras organizações também são levadas em consideração, quando as iniciativas tomam decisões sobre como desenhar seus programas. Isso se torna relevante, uma vez que muitos participantes se inscrevem em mais de um programa de formação – um dado que já observávamos no pleito de 2020. É o que afirma Karin, da iniciativa Elas no Poder (nacional, criada em 2018)⁴³:

O que a gente percebeu [é] que geralmente são as mesmas candidatas que são apoiadas por diferentes projetos, programas e mentorias. Então, o que você mais vê durante o

42. Iniciativa criada sem a finalidade de formação de candidaturas, exclusiva para mulheres negras, não institucionalizada.

43. Iniciativa criada com a finalidade de formação de candidatas e candidatos, para a política, não exclusiva para mulheres negras e institucionalizada.

ano eleitoral é uma candidata que faz parte de cinco ou seis programas diferentes. Então ela faz parte do Vamos Juntas, do Renova, da Tenda. Então você vê muita candidata que faz parte de todos esses programas. Então são as mesmas pessoas que estão recebendo esse conhecimento. E aí, quando a gente parou para olhar isso, a gente pensou: Bom, não faz sentido a gente fazer a mesma coisa, porque estamos acumulando conhecimento nos mesmos lugares, nas mesmas campanhas, nas mesmas mulheres. Então a gente veio com essa proposta de fazer coisas abertas. A Im.pulsa, que é nossa plataforma de treinamento eleitoral, é uma plataforma aberta, gratuita, que absolutamente qualquer mulher, de qualquer estado, de qualquer lugar, pode ir lá e usar aquele conteúdo, aquele material. – Karin, *Elas no Poder* (nacional, criada em 2018)

Definidas as atividades e suas motivações, procuramos entender qual o período de duração da formação de candidaturas e se as entrevistadas consideram esse período de tempo suficiente para formar as candidatas e os candidatos. Há unanimidade na percepção de que, seja qual for o período ofertado, ele não é suficiente. Tal percepção foi relatada por todas, exceto por uma iniciativa que afirmou acreditar que seu programa de 18 meses (mais longo do que o oferecido pela maioria das iniciativas) é suficiente para preparar uma candidatura para as eleições.

Entretanto, apesar de terem justificativas sólidas sobre os tipos de atividade que oferecem, as iniciativas parecem ter menos consolidada a narrativa sobre a escolha do período durante o qual oferecem formação, sem um marco preciso de início e fim do projeto. De maneira geral, as coordenadoras não conseguiram informar com precisão o período de seus programas. Dividimos as ofertas de início de formação entre aquelas que começaram nos anos ímpares (antes do ano eleitoral) e nos anos pares (no ano do pleito). Apenas 10 (25%) iniciativas afirmaram iniciar a formação em anos ímpares. Outras 28 (70%) informaram iniciar em anos pares, muitas vezes, sem precisar o mês de início⁴⁴. Três iniciativas não souberam responder a essa questão. Abaixo, ilustramos a falta de consolidação das respostas e a percepção

44. Uma das iniciativas foi considerada duplamente, uma vez que mencionou que seu curso teve duração de seis meses para o pleito de 2022, mas que a preparação para as eleições seguintes já se iniciava em 2023, no ano ímpar, com o levantamento de contatos e rede disponível das possíveis candidaturas.

de que um período mais longo de formação favoreceria as candidaturas:

Acho que foi uns quatro ou cinco meses antes da eleição, até que começou esse processo [de formação]. Se fosse meses antes, no mínimo seis meses atrás, fazer esse trabalho seria o ideal. – Marília, Observatório Feminista do Nordeste (regional do Nordeste, criado em 2019)⁴⁵

Eu acho que a gente não tem uma resposta 100% padronizada para isso. A gente fez alguns testes, e a efetividade varia para cada candidatura. Depende com qual estrutura ela [a participante] chega. E quando eu falo estrutura é de experiência política ou em movimentos. [...] Então entendo que varia. O que a gente tenta fazer, e acho que é o caminho, é ter cada vez mais um processo que seja contínuo. – Emília, Goianas na Urna (Goiás, criada em 2019)

Os testes a que Emília (Goianas na Urna, Goiás, criada em 2019)⁴⁶ se refere foram uma tentativa de identificar o desempenho de diversos tipos de candidatas em estágios diferentes de formação. Ela explica que candidatas com mais bagagem, mais estrutura e experiência política requerem um menor tempo de formação, diferentemente daquelas que estão experimentando um primeiro contato com a experiência. Os testes realizados deram origem a programas em tempos diferentes no calendário eleitoral para candidatas com trajetórias políticas mais ou menos estabelecidas. A questão do cronograma foi também um ponto mencionado na pesquisa +Representatividade: Eleições 2020, quando muitas candidaturas citaram o desencontro entre a agenda das formações, as demandas do calendário eleitoral e da campanha propriamente dita (GATTO; RUSSO; THOMÉ, 2021, p. 193). O que acaba ocorrendo é que, se a formação for dada em um período próximo às eleições, as candidatas e os candidatos ficarão divididos entre a formação e a dedicação à campanha. O resultado é que as lideranças não conseguem ser preparadas como deveriam, caso tivessem mais tempo hábil para a formação, sem disputar com o período eleitoral.

45. Iniciativa criada sem objetivo de formação de candidaturas, para a política, não exclusiva para mulheres negras e não institucionalizada.

46. Iniciativa criada com o propósito de formar candidatas, não exclusiva para mulheres negras e não institucionalizada.

6. QUAL A RELAÇÃO DAS INICIATIVAS COM OS PARTIDOS POLÍTICOS?

Mesmo que as iniciativas ofereçam uma ampla gama de atividades para potencializar candidaturas, elas não podem fazer tudo sozinhas, uma vez que estão inseridas em um contexto, no qual sobretudo os partidos pautam as candidaturas. Sabendo como a política funciona, e que outsiders – isto é, aquelas/es fora do jogo político, sem influência de grandes nomes, padrinhos ou redes que lhes abram portas – têm menos chances de sucesso eleitoral do que aquelas pessoas já conhecidas do eleitorado, a saída do partido acaba sendo recrutar, selecionar e potencializar candidaturas já estabelecidas na política. Com isso, reforça a vantagem de incumbentes e contribui para um círculo vicioso que beneficia quem está estabelecido, em detrimento de quem busca ingressar no sistema (BJARNEGÅRD; ZETTERBERG, 2019; NORRIS; LOVENDUSKI, 1995).

Recursos – tais como financiamento para campanha, tempo de TV, apoio de lideranças relevantes do partido, entre outros – são escassos, e as lideranças partidárias usualmente priorizam candidaturas com mais chances de sucesso eleitoral, a fim de que esses recursos não sejam desperdiçados (AVELINO; BIDERMAN 2019; SAMUELS 2001). Nesse cenário, há atividades que os partidos políticos podem fazer, mas as iniciativas não podem. Assim como talvez haja, atividades que as iniciativas podem desempenhar, mas que os partidos não podem – ou não querem. Buscamos investigar como as iniciativas entrevistadas percebem essa questão e de que forma elas identificam que as iniciativas que representam contribuem para o ecossistema da disputa eleitoral de modo diferente dos partidos.

Para 15 (37%) iniciativas, sua principal contribuição é a atenção das organizações a grupos específicos, marginalizados na política. Camila, do Fórum Nacional de Marielles⁴⁷ (Bahia, criado em 2018), elucida a ideia acima:

Quando a gente coloca nosso público específico e exclusivo, como de mulheres negras, a gente já faz uma coisa que

47. Iniciativa que surgiu sem a finalidade de formação política, exclusiva para mulheres negras e não institucionalizada.

o partido não vai dar conta de fazer, porque a gente vai direcionar uma força total para essa e para esse grupo. – Camila, Fórum de Marielles (Bahia, criado em 2018)

Doze (30%) organizações salientaram que é importante oferecer um ambiente/rede de troca entre candidatas e candidatos provenientes de diferentes partidos. Para 5 organizações (12%), o que podem oferecer é uma formação mais detalhada e/ou apresentada a partir de outra perspectiva política. Apesar da maioria das iniciativas entrevistadas ter mencionado alguma contribuição complementar ao que oferecem os partidos, 10 (25%) iniciativas relataram não oferecer nada diferente do que os partidos podem – ou, pelo menos, poderiam – oferecer.

Ou seja, algumas iniciativas entendem que os partidos podem fazer tudo o que as iniciativas fazem, apenas lhes falta vontade política de colocar essa pauta na agenda. Para elas, a necessidade de existência das iniciativas se dá justamente porque os partidos não fazem o que deveriam fazer, que é preparar esses novos quadros. A fala da Michele, do Instituto Alzirias (nacional, criado em 2017)⁴⁸ utiliza este argumento:

Eu acho que os partidos conseguem fazer muito mais coisa que o Alzirias. A questão é eles quererem. Eles conseguem fazer muito mais coisa do ponto de vista de conseguir, de poder, de ter condições [...]. Eu acho que a questão é priorizar politicamente algumas pautas. Então, o nosso trabalho é muito no sentido de forçar a priorização de algumas agendas que não necessariamente estão sendo priorizadas pelas instituições partidárias. Sim, mas que eles têm condição, competência, quadros qualificados, estrutura. Eu não tenho a menor dúvida de que, idealmente, não precisaria e não deveria precisar existir [organizações como o Instituto Alzirias]. – Michele, Instituto Alzirias (nacional, criado em 2017)

Já outras iniciativas se entendem como um organismo que desenvolve uma atuação distinta da partidária, podendo ela ser complementar ou conflitante, a depender da forma com que as lideranças de cada organização busquem se relacionar com os partidos.

48. Iniciativa que surgiu sem a finalidade de formação de candidaturas, não exclusiva para mulheres negras e institucionalizada.

A relação entre esses dois atores políticos ainda está em construção. Já se pode apontar, porém, que ela continua sendo caracterizada por tensão, em ambos os lados, como já identificamos na pesquisa +Representatividade: Eleições 2020 (GATTO; RUSSO; THOMÉ, 2021, p. 145). Como aponta nosso relatório com entrevistas com lideranças partidárias, os partidos olham com desconfiança para esse novo ator político. As iniciativas, por sua vez, também veem os partidos com ceticismo. A fala de Karin, da iniciativa Elas no Poder (nacional, criada em 2018)⁴⁹ ilustra a tensão latente entre esses dois atores da atual política brasileira:

Eu tenho impressão de que os partidos enxergam a gente como, de alguma maneira, de algum tipo de competidoras [...]. Sinto uma resistência muito grande dos partidos em relação a movimentos e organizações como a gente. – Karin, Elas no Poder (nacional, criada em 2018)

Buscamos entender, portanto, qual a relação das lideranças das iniciativas com os partidos. De modo geral, as iniciativas mostraram disposição para se relacionar com partidos. Cinco (13%) de 38 iniciativas, todas originalmente criadas com o propósito de formar candidaturas, estabelecem diálogos com lideranças de forma suprapartidária, independentemente do partido político. Larissa, do Instituto Vamos Juntas (nacional, criado em 2019)⁵⁰, entende essa conexão como uma estratégia para estreitar relações, de tal forma a poder incidir no diálogo sobre destinação de financiamento, aumentando a possibilidade de disputa interna. Para colocar isso em prática, contudo, Larissa entende que não se deve perceber os partidos políticos como inimigos ou vilões na democracia:

Eu acho que é tirar essa lente de [que] partidos são incompetentes, são chupins do dinheiro público, e ir para um lugar bom. Sem partido não tem democracia. Então, eu faço um trabalho aqui para ajudar e ajudá-los a fazer melhor ou ficar nessa corda. Sabe aquele jogo que cada time puxa de um lado? – Larissa, Vamos Juntas (nacional, criada em 2019).

49. Iniciativa que surgiu com o objetivo de apoiar candidaturas, não é exclusiva para mulheres negras e é institucionalizada.

50. Iniciativa criada com o fim de formação de candidaturas, no texto diz que é exclusiva para mulheres negras e institucionalizada.

Outras 18 (47%) iniciativas informam ter algum tipo de relação/colaboração com lideranças de partidos considerados alinhados às suas pautas (ou seja, partidos de esquerda/progressistas).

É interessante notar que 8 (de 9) iniciativas exclusivas para mulheres negras se dispõem ao diálogo com lideranças de alguns partidos específicos, como afirma Amanda, da iniciativa Conectando Mulheres, Espírito Santo (criada em 2018)⁵¹:

Com os partidos, a gente sempre teve uma relação estreita, boa [...] principalmente [com] os partidos de esquerda. Os partidos de direita não vêm à periferia, então a gente não tem [relação], mas a gente também não tem briga. Nós não temos inimizade. Mas a gente não tem, também, uma relação próxima, porque não tem contato, não é um interesse dessas pessoas. Mas com partidos de esquerda, a gente tem vereadores que atuam aqui dentro, estão fazendo algumas ações aqui dentro. E quando essas pessoas fazem essas ações é a gente que faz a articulação. – Amanda, Conectando Mulheres (Espírito Santo, criada em 2018)

Um número substantivo de organizações, porém, continua mantendo distância dos partidos. Este é o caso de 14 (37%) das iniciativas entrevistadas.

Quando questionadas sobre o tema, apenas 9 iniciativas responderam se a relação ficou melhor, igual ou pior nas eleições de 2022, se comparada às anteriores (vale lembrar que nem todas as iniciativas atuaram em outros pleitos). Das que responderam à pergunta, 4 (44%) consideraram que a relação ficou melhor do que nos últimos pleitos. Rodrigo, liderança entrevistada do RenovaBR (nacional, criado em 2017)⁵² acredita que houve melhora, pois os partidos passaram a confiar mais nos cursos de formação, entendendo que as duas instituições não disputavam o mesmo lugar no sistema político; 2 (22%) iniciativas compreenderam que as relações se mantiveram iguais; e 3 (33%) entenderam que as relações ficaram piores, com os partidos menos acessíveis do que foram em pleitos anteriores. As entrevistadas Elaine e Larissa, ambas da inicia-

51. Iniciativa que não foi criada com o propósito de apoiar candidaturas, não exclusiva para mulheres negras e institucionalizada.

52. Iniciativa criada com o fim de formação decandidaturas, não exclusiva para mulheres negras e institucionalizada.

tiva Mães Independentes (Pernambuco, criada em 2019)⁵³, apresentaram argumentos sobre a piora da relação em 2022, comparada às eleições anteriores:

Foi pior. E aí a gente, a partir disso, não dialoga com o partido mesmo assim, da maneira que a gente queria. [Entrevistadora: E por que foi pior?] Porque falar de dinheiro é humilhante. Para você ter que estar tendo que dizer as suas dores para poder receber do fundo partidário, sabe? E é doloroso saber que duvidam de você na sua cara. E aí a gente se sente como não acobertada pelo partido, que deveria nos acobertar e nos proteger, mas não nos protegem, porque Marielle é um exemplo. – Elaine e Larissa, Mães Independentes (Pernambuco, criada em 2019)

O que se percebe é uma pluralidade de tipos de relação das iniciativas com os partidos, sendo que a que mais se destaca é a disponibilidade de diálogo apenas com aqueles do mesmo campo ideológico (de esquerda), uma vez que muitas organizações analisadas têm como objetivo fomentar candidaturas comprometidas com pautas progressistas.

7. COMO AS INICIATIVAS FINANCIAM SUAS ATIVIDADES?

As iniciativas de apoio a candidaturas, em geral, são organizações que não contam com grandes financiadores que garantam a sustentabilidade de seus trabalhos, especialmente a longo prazo. O que acaba ocorrendo é que essas iniciativas são fomentadas durante curtos períodos de tempo, por projetos específicos contemplados por financiadores. Ou seja, o que é custeado não são as organizações em si, mas os projetos desenvolvidos por elas. Para que o processo de funcionamento seja contínuo, as organizações submetem, de forma bastante frequente, projetos para a aprovação de financiadores, a fim de serem sempre contempladas por algum tipo de fomento, o que exige atenção e esforço permanentes.

Essa dinâmica, em primeiro lugar, faz com que seja necessário

53. Iniciativa que não surgiu com o intuito de apoiar candidaturas, não é exclusiva para mulheres negras e não é institucionalizada.

um conhecimento específico sobre captação de recursos e busca de editais que possam se aplicar ao trabalho daquela organização. Uma vez encontrado um edital que se aplique, esses processos geralmente envolvem bastante burocracia, levantamento de documentação, redação de projetos e elaboração de orçamento. Ao longo da realização, são entregues relatórios parciais e, por fim, há um processo bastante moroso e burocrático de prestação de contas. Como já mencionamos, as iniciativas de apoio a candidaturas são, muitas vezes, administradas por pessoas colaboradoras e voluntárias que dispõem de pouco – ou nenhum – treinamento para essas expertises e de pouco tempo para realizarem tais atividades.

Uma vez que parte relevante da nossa amostra (17 iniciativas) foi selecionada pelo edital +Representatividade, do Instituto Update, essa acabou sendo a principal fonte de financiamento mencionada – de 12 (30%) organizações respondentes. O segundo recurso financeiro que aparece como fonte principal são as organizações/fundações internacionais, que fomentaram 10 (25%) iniciativas. Em seguida, 4 (10%) iniciativas declararam ter como recurso principal instituições privadas, e outras 4 (10%) contam principalmente com trabalho voluntário. Duas organizações (5%) mencionaram ter financiamento coletivo como principal recurso e outras 2 (5%) informaram contar com recursos de ONGs nacionais como fontes principais. Outras fontes mencionadas (cada uma por uma única iniciativa) foram: doação de pessoas físicas; filantropia; rateio interno entre as participantes do coletivo; investimento individual das de alunas e alunos, e parceria com partido político⁵⁴.

Diversas lideranças entrevistadas associam a dificuldade em obter financiamento à ausência de institucionalização, isto é, de CNPJ. Luciana, da Eu Voto em Negra (Ceará, criada em 2016)⁵⁵, destaca a complexidade do processo de institucionalização e a sustentabilidade de longo prazo dessas iniciativas, conforme mencionado no início da seção. Para a manutenção de uma organização institucionalizada, Luciana ressalta a necessidade de recursos em longo prazo, e não

54. Uma vez que as respostas foram mencionadas nas entrevistas fechadas, não temos informações mais detalhadas a respeito.

55. Iniciativa desenvolvida para a formação de candidaturas, exclusiva para mulheres negras e não institucionalizadas.

somente aqueles recebidos para determinados projetos. Ou seja, ela enfatiza que seria importante ter acesso a verbas que mantivessem as iniciativas para além dos projetos específicos, algo que lhes permitiria se institucionalizar. Há aqui um traço de endogeneidade, pois elas têm dificuldade de obter recursos financeiros, dado que não são registradas, e não são registradas justamente por não terem recursos financeiros. Como afirma a própria Luciana:

O CNPJ é um gasto, a gente não tem financiamento da conta, a gente vai abrir o CNPJ se a gente não tem o financiamento fixo, né? – Luciana, *Eu Voto Negra* (Ceará, criada em 2016)

Apesar das entrevistadas ressaltarem as dificuldades impostas pela falta de CNPJ para a captação de recursos, na análise realizada, não foi possível identificar um padrão de associação entre os tipos de fontes de financiamento e a institucionalização das organizações. Isso porque todas as categorias de fontes de financiamento mencionadas⁵⁶ foram citadas tanto pelas institucionalizadas, quanto pelas não institucionalizadas. A categoria organização/fundação internacional é o principal recurso de 10 (25%) iniciativas, 5 (12%) são institucionalizadas e outras 5 (12%) não são, o que não nos permite identificar um padrão associado à institucionalização e à facilidade em receber recursos internacionais ou quaisquer outros, apontando que, ao menos nesta análise, a institucionalização não é garantia de acesso aos recursos.

Independentemente das fontes de recursos asseguradas, nenhuma iniciativa mencionou facilidade em obter financiamento: 23 (63%) entrevistadas mencionaram explicitamente dificuldade ou muita dificuldade de acesso a financiamento. Nove (25%) afirmaram não ser fácil nem difícil obter financiamento. As demais iniciativas não responderam à pergunta objetivamente.

A dificuldade de acesso às fontes de recursos aponta para outro problema na formação dessas candidaturas. De acordo com Karin, da iniciativa *Elas no Poder* (nacional, criada em 2018)⁵⁶ há um erro estratégico por conta de as agências de fomento destinarem os recursos somente em períodos

56. As categorias de fontes de financiamento apresentadas no questionário fechado eram: universidade; órgão público; instituição privada; ONG internacional; ONG nacional - Edital de aceleração +Representatividade do Instituto Update; partido político; organização/fundação internacional; financiamento coletivo; investimento individual das alunas/os; não temos recursos, tudo é feito de forma voluntária; outro.

próximos à campanha. As pessoas de grupos sub-representados, em desvantagem ao tentarem ingressar na política, poderiam se beneficiar de um tempo extra de preparação, caso os recursos chegassem com antecedência. Esse argumento está alinhado à ideia da necessidade de existirem recursos para a manutenção dessas iniciativas que pudessem financiá-las institucionalmente, e não somente recursos voltados para projetos específicos; o argumento também mostra como o cronograma dos programas ofertados, como exposto na seção 6, pode acabar sendo resultado das fontes de financiamento e não de decisões das próprias iniciativas:

Eu acho que é um erro estratégico [iniciar o programa de formação em ano par]; porém, acho que tem a ver com os financiadores também. Eles geralmente pensam em eleições na cara das eleições e eu acho isso um grande erro. A gente deveria estar oferecendo treinamento eleitoral agora, porque as mulheres não estão em campanha. Então, a gente deveria estar fortalecendo essas candidaturas agora. Hoje, todas as conversas que eu tenho com os financiadores seguem muito essa ideia. E tento levar essa crítica para eles. A gente fala “olha, as mulheres já não têm o dinheiro necessário para fazer a campanha, elas já não têm o apoio do partido, então, o mais valioso que uma mulher pode ter para superar as barreiras é tempo. – Karin, *Elas no Poder* (nacional, criada em 2018)⁵⁷

Sabendo agora de onde vêm os recursos das organizações, interessa-nos identificar o padrão de despesas dos programas de formação. Já identificamos heterogeneidade de participantes e recursos humanos nas iniciativas, mas é interessante notar que há certa homogeneidade nas despesas com atividades oferecidas, incluindo o valor – a maior parte se organiza com até R\$ 50 mil. Trinta e uma iniciativas⁵⁸ informaram os valores de seus cursos. Delas, 21 (70%) apresentaram gastos inferiores a R\$ 50 mil como valor do custo do programa. Tais fontes de recursos viabilizaram projetos de formação de candidaturas que variaram da seguinte maneira:

56. As categorias de fontes de financiamento apresentadas no questionário fechado eram: universidade; órgão público; instituição privada; ONG internacional; ONG nacional - Edital de aceleração + Representatividade do Instituto Update; partido político; organização/fundação internacional; financiamento coletivo; investimento individual de alunas e alunos; não temos recursos, tudo é feito de forma voluntária; outro.

57. Iniciativa criada para a formação de candidaturas, para a política, não exclusiva para mulheres negras e institucionalizada.

58. Quatro iniciativas preferiram não informar o custo do programa; duas iniciativas não tiveram atuação em 2022; uma iniciativa não soube informar o custo do programa; uma iniciativa indicou o site de transparência com contas publicizadas; e, finalmente, uma iniciativa não tem essa estimativa.

1 (3%) iniciativa teve despesas abaixo de R\$ 2.500;

8 (25%) iniciativas tiveram despesas abaixo de R\$ 10 mil;

13 (41%) iniciativas tiveram despesas entre R\$ 10 mil e R\$ 50 mil;

2 (6%) iniciativas tiveram despesas entre R\$ 50 mil e R\$ 100 mil;

3 (9%) iniciativas tiveram despesas entre R\$ 100 mil e R\$ 200 mil;

2 (6%) iniciativas tiveram despesas entre R\$ 200 mil e R\$ 500 mil;

2 (6%) iniciativas tiveram despesas acima de R\$ 500 mil.

Não foi possível identificar uma relação entre os valores dos cursos oferecidos e as atividades ofertadas, uma vez que mesmo alguns cursos menos dispendiosos ofertaram um amplo leque de atividades.

Com relação ao número de participantes dos cursos, candidaturas lançadas e sucesso eleitoral, também não foi possível verificar um padrão entre esses e os valores totais dos cursos. Por exemplo, se formos nos focar nos custos mais recorrentes da formação – abaixo de R\$ 10 mil e entre R\$ 10 mil e R\$ 50 mil –, o primeiro contou com média de 27 participantes e 26 candidaturas, enquanto o segundo teve médias inferiores: 23 participantes e 6 candidaturas. Quando se trata de sucesso eleitoral, a inconsistência de valores permanece: as iniciativas com custos de até R\$ 10 mil somaram 15 candidaturas eleitas, enquanto as iniciativas com custos entre R\$ 10 mil e R\$ 50 mil somaram 8. A mesma heterogeneidade é identificada entre as demais categorias na qual se inserem as outras organizações, evidenciando que o recurso financeiro sozinho não é determinante para o sucesso eleitoral das iniciativas.

8. COMO AS INICIATIVAS AVALIAM OS RESULTADOS OBTIDOS?

As iniciativas de apoio a candidaturas, em sua maioria, têm como objetivo principal a promoção de direitos de grupos marginalizados na política: 16 (41%) organizações, definiram este como seu propósito. Os outros principais objetivos mencionados foram: formar ou apoiar candidatas e candidatos novatos para ocupar espaços formais de poder (objetivo de 12 iniciativas – 30%) e fortalecer a participação política de um determinado grupo, independentemente do resultado eleitoral (objetivo de 9 – 23% – iniciativas). As iniciativas acreditam ter cumprido seus objetivos?

Apenas 27 (60%) iniciativas souberam informar o número de candidatas e candidatos que apoiaram. No total, elas apoiaram 859 candidatas e candidatos.. Nove (22%) declararam ter tido algum sucesso eleitoral, elegendo um total agregado de 99 pessoas (ou seja, uma taxa de sucesso de 11,5%).

Dentre as organizações que informaram o número de participantes e o número de eleitas pretas, pardas, indígenas, quilombolas ou LGBTQIAP+, 11 (28%) relataram ter elegido 37 pessoas pertencentes a estes grupos.

Das iniciativas que reportaram o número de candidaturas eleitas, 20 não foram criadas com o objetivo de apoiar candidaturas e 7 foram. Das 20, 12 (57%) elegeram alguma candidata ou candidato; já dentre as iniciativas que surgiram com o objetivo de apoiar candidaturas, 6 (85%) elegeram alguma candidata ou candidato, demonstrando uma tendência destas últimas de maior sucesso eleitoral.

Quando se trata de iniciativas exclusivas ou não para mulheres negras, 18 iniciativas não exclusivas para mulheres negras reportaram o número de pessoas eleitas e todas as 9 exclusivas para mulheres negras deram essa informação. No caso das primeiras, 13 (72%) obtiveram algum sucesso eleitoral, elegendo ao menos alguma candidata ou candidato; este valor cai se compararmos com as iniciativas exclusivas para mulheres negras, que demonstraram um potencial mais

baixo de sucesso eleitoral, já que 5 (55%) organizações elegeram, ao menos, uma candidata.

Não identificamos associação entre mais sucesso eleitoral e a institucionalização ou não das iniciativas.

Apesar da falta de clareza sobre o sucesso eleitoral de participantes, o balanço feito pelas iniciativas é, em geral, positivo. Sessenta por cento das respondentes fazem uma leitura positiva sobre o resultado obtido nas eleições de 2022: 17 (42%) e 7 (17%), respectivamente, avaliam os resultados como melhor ou muito melhor que o esperado. A fala da Bernadete, da Casa 8 de Março (Tocantins, criada antes de 2013)⁵⁹, apresenta o discurso de uma percepção de resultado positivo. Nota-se que ela está alinhada à noção de que o objetivo final não é necessariamente ser eleita, mas de que há a construção de uma trajetória política, mais relevância das pautas políticas – feministas e antirracistas – e ampliação das mulheres no espaço eleitoral.

Eu acho que para as nossas propostas [de curso], tudo funcionou. Porque elas [alunas] procuraram os serviços que a gente oferecia, fizeram o planejamento da própria campanha, buscaram utilizar o recurso que receberam da melhor forma possível, priorizaram a questão da comunicação, escolheram qual a estratégia principal para a campanha seria melhor; e [traçaram] o que elas queriam: “o objetivo delas era somente serem eleitas?” E tudo o que elas queriam, todas elas conseguiram, que é avançar na questão do feminismo, da visão sobre o direito das mulheres de participarem da política de uma outra forma; a luta antirracista; ou subir na quantidade de votos pelo menos um pouco. Tem uma candidata que triplicou o número de votos da última campanha. Foi a estratégia que ela escolheu: aprofundar a questão da luta antirracista através da própria campanha, que é difícil, sem populismos e tal, e ela triplicou o número de votos. – Bernadete, Casa 8 de Março (Tocantins, criada antes de 2013)

Nove (22%) iniciativas fizeram uma avaliação neutra do resultado, entendendo que ele não foi nem melhor nem pior do que o esperado. Seis (15%) iniciativas tiveram uma percep-

59. Iniciativa que nasceu com o propósito de formar candidatas e candidatos para a política, que não trabalha exclusivamente com mulheres negras e é institucionalizada.

ção negativa do resultado, e para 1 (2%) o resultado foi muito pior do que o esperado. Esse foi o caso da IMENA (Amapá, criada antes de 2013)⁶⁰. Na percepção da representante da organização, faltou estratégia política das participantes no momento de escolherem suas legendas partidárias, de modo que, em suas palavras, “cada candidata cuidou de si”. Por outro lado, ainda em sua visão, os partidos políticos novamente priorizaram mulheres brancas (ainda que sem expressão política) em detrimento de mulheres negras, o que acabou levando a IMENA a não eleger nenhuma candidata. “Isso foi o mais triste. Nenhuma de nossas candidatas se elegeu”, disse Maria das Dores, liderança da IMENA.

Nas entrevistas semiestruturadas, buscamos compreender quais foram os aprendizados e o que funcionou ou não no formato dos programas de formação oferecidos. Dentre as que responderam a essa questão⁶¹, 19 (51%) iniciativas fizeram uma leitura positiva dos resultados, indicando que consideram que a maioria das atividades e decisões tiveram sucesso. Treze (35%) iniciativas responderam que algumas sim, outras, não. Dentre estas, 8 diziam respeito ao tempo. Isto é, a crítica aponta novamente para a questão do cronograma que, muitas vezes reduzido, obriga os cursos de formação a competirem com o tempo de campanha de candidatas e candidatos. É interessante ressaltar aqui que este incômodo se revelou em duas dimensões: tanto por falta de organização das próprias iniciativas, com uma autocrítica e ênfase no atraso do cronograma e dificuldade de gestão, quanto uma crítica aos financiadores das organizações, que, por injetarem recursos nessas iniciativas em um prazo muito próximo do período eleitoral, deixam-nas com pouco tempo para desenvolver as atividades conforme gostariam. A incerteza da entrada do recurso não permite que as organizações iniciem os processos de formação com antecedência; com isso, elas não têm tempo de se preparar melhor para aquelas candidaturas. Foi o que relataram Beatriz e Juliana, da iniciativa Meu Voto Será Feminista (nacional, criada em 2018)⁶²:

Faltou o tempo para o investimento chegar no momento certo e a gente não ter tido nenhuma gordura antes para

60. Iniciativa que não foi criada para formação de candidatas e candidatos, exclusiva para mulheres negras e institucionalizada.

61. O foco principal desta pergunta foi o que funcionou ou não no desenho do programa de formação oferecido. Três iniciativas não responderam com esse foco e, portanto, foram excluídas desta análise.

62. Iniciativa criada com o propósito de formar candidaturas, não exclusiva para mulheres negras e não institucionalizada.

queimar, porque você também não tinha garantia de que o recurso ia andar, porque a gente estava sempre nessa corda bamba. – Beatriz e Juliana, Meu Voto Será Feminista (nacional, criada em 2018)

Quatro (10%) iniciativas relataram que um dos elementos que não funcionou foi o próprio desenho do programa, que precisa ser reelaborado para as próximas eleições. O desenho pode envolver as atividades ofertadas, os horários dos cursos, como o projeto foi pensado ou quaisquer aspectos que digam respeito à estrutura da formação. Duas (5%) iniciativas mencionaram problemas na relação com os partidos. Por fim, uma (2%) iniciativa mencionou problemas de seleção de participantes como algo que não funcionou. Esta última apresentou coocorência de problemas com o desenho do projeto.

Apesar das poucas críticas, a maior parte da avaliação dos resultados é positiva, mais relevante e propositiva, quanto à compreensão das iniciativas de suas fragilidades, buscando identificar meios de suplantá-las.

9. QUAL A PERSPECTIVA DAS INICIATIVAS PARA O FUTURO?

Como já foi mencionado, o processo eleitoral é um período árduo para algumas candidaturas. Ele é difícil mesmo para aquelas pessoas que já detêm um capital eleitoral e estão estabelecidas na política institucional, mas com um caráter muito mais desafiador para as que estão buscando ingressar na carreira e, principalmente, para a pessoa que não foi eleita. Se já é um desafio enorme para pessoas de grupos politicamente marginalizados entrarem na política, outro grande desafio é manter a resiliência da candidatura, mesmo após uma derrota eleitoral (GATTO; RUSSO; THOMÉ; 2021, p. 98). Realizar alguma atividade com participantes da sua iniciativa após o período eleitoral pode ser uma forma de manter a conexão e o incentivo.

Das iniciativas entrevistadas, apenas 10 (25%) relataram

não terem realizado uma ação após as eleições de 2022. As demais tiveram, em sua maioria, conversas individuais, mas também enviaram material (via WhatsApp, e-mail), além de promoverem encontros presenciais ou online com quem está se candidatando participantes. Dentro desta ideia de acolhimento, o período pós-eleitoral é um momento crucial, uma vez que a confiança das candidatas e candidatos normalmente está abalada em função do desempenho eleitoral. A resposta de Hannah, da Tenda das Candidatas, nacional (criada em 2020), enfatiza isso:

A gente tem uma outra formação que é tão importante quanto [o período pré-eleitoral], que é a formação pós-eleições. Porque [...] quando um candidato passa por uma eleição, isso faz ele ser um candidato mais forte. Isso confere capital político a ele. Então, [...] a gente, na Tenda, começou a perceber que as mulheres estavam saindo muito traumatizadas das eleições. Muitas não queriam competir de novo, e por isso a gente estava tendo uma perda de potencial, de lideranças que estavam mais fortes. E aí era até uma perda do nosso próprio treinamento. Porque [...] se a gente treina, elas não ganham e elas saem, a gente não está conseguindo fazer um trabalho contínuo. – Hannah, Tenda das Candidatas (nacional, criada em 2020)

A perspectiva de Hannah chama atenção para outro elemento bastante importante a respeito do momento pós-eleitoral que contempla não apenas o acolhimento de candidatas e candidatos, mas também a preservação do investimento naquela trajetória, que não pode ser perdido. Esse momento, portanto, vai além de um suporte emocional, passando também por uma estratégia da própria iniciativa de manutenção do capital político e intelectual investido na candidatura. É uma estratégia em que os dois lados ganham, não somente quem está se candidatando.

Nove iniciativas (22%) informaram não ter planos para oferta de projetos de apoio a candidaturas em eleições futuras, justamente porque ainda estão em processos internos de reorganização de prioridades. Dessas 9, está uma das duas organizações que já não ofereceu formação política em

2022, a iniciativa Vote Nelas-Barra do Pirai (Rio de Janeiro, criada em 2020)⁶³. Quanto às demais, 2 foram criadas com o objetivo de apoiar candidaturas. Apenas 1 das nove é exclusiva para mulheres negras e 5 delas são institucionalizadas. Apenas 1 dessas 9 iniciativas fez uma avaliação negativa do programa que ofertou em 2022, o que sugere que esse não é o fator que está levando à descontinuação da maioria dos programas.

As outras 31 organizações entrevistadas planejam oferecer formação para candidaturas em eleições futuras. Algumas delas já refletiram sobre os aprendizados das eleições de 2022 e querem incorporar estes aprendizados às formações dos próximos ciclos eleitorais. É o que aponta Dandara, da Todaz na Política⁶⁴ (nacional, criada em 2021):

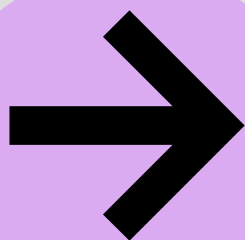
Daí o nosso projeto, esse piloto [de 2022] foi excessivo, na minha opinião. E a gente teve essa avaliação nesse encontro estratégico que fizemos no final do ano passado. Temos muito conteúdo que infelizmente não poderia ser utilizado pelas candidatas nas condições em que elas estavam. Então isso vai ser uma mudança na nossa estratégia para o próximo ano, pular o ano par e fazer um processo de seleção no final deste ano [2023] para iniciar no ano que vem, em 2024. Mas a gente vai possibilitar que as candidatas façam uma seleção daquilo que faz mais sentido para elas. Então a gente vai selecionar as candidatas, mas depois faremos conversas com as pré-selecionadas para poder entender o que é mais necessário para elas e oferecer para aquilo que a gente entende como importante na formação delas. – Dandara, Todaz na Política (nacional, criada em 2021)

Outras organizações que planejam seguir apoiando candidaturas não demonstraram um padrão também com os recortes de organizações exclusivas para mulheres ou para as institucionalizadas.

63. Iniciativa criada com o objetivo de formar candidaturas, não exclusiva para mulheres negras, nem institucionalizada.

64. Iniciativa que surgiu com o objetivo de formar candidaturas políticas, não é exclusiva para mulheres negras e não institucionalizada.

3



CONSIDERAÇÕES

FINAIS

Como um ator relativamente recentes no processo político, as iniciativas de apoio a candidatas e candidatos vêm aumentando não apenas sua presença no cenário brasileiro, como também sua capacidade de captação de financiamento e de alcance de um número cada vez maior de participantes, com foco prioritário em grupos historicamente marginalizados e sub-representados no poder. Assim, 53 iniciativas foram identificadas no nosso mapeamento, com atuação em todas as regiões do Brasil (em alguns casos, com atuação nacional), dentre as quais 40 se disponibilizaram a responder nosso questionário, e 39, a conceder entrevistas semiestruturadas que permitiram conhecer mais profundamente o seu trabalho.

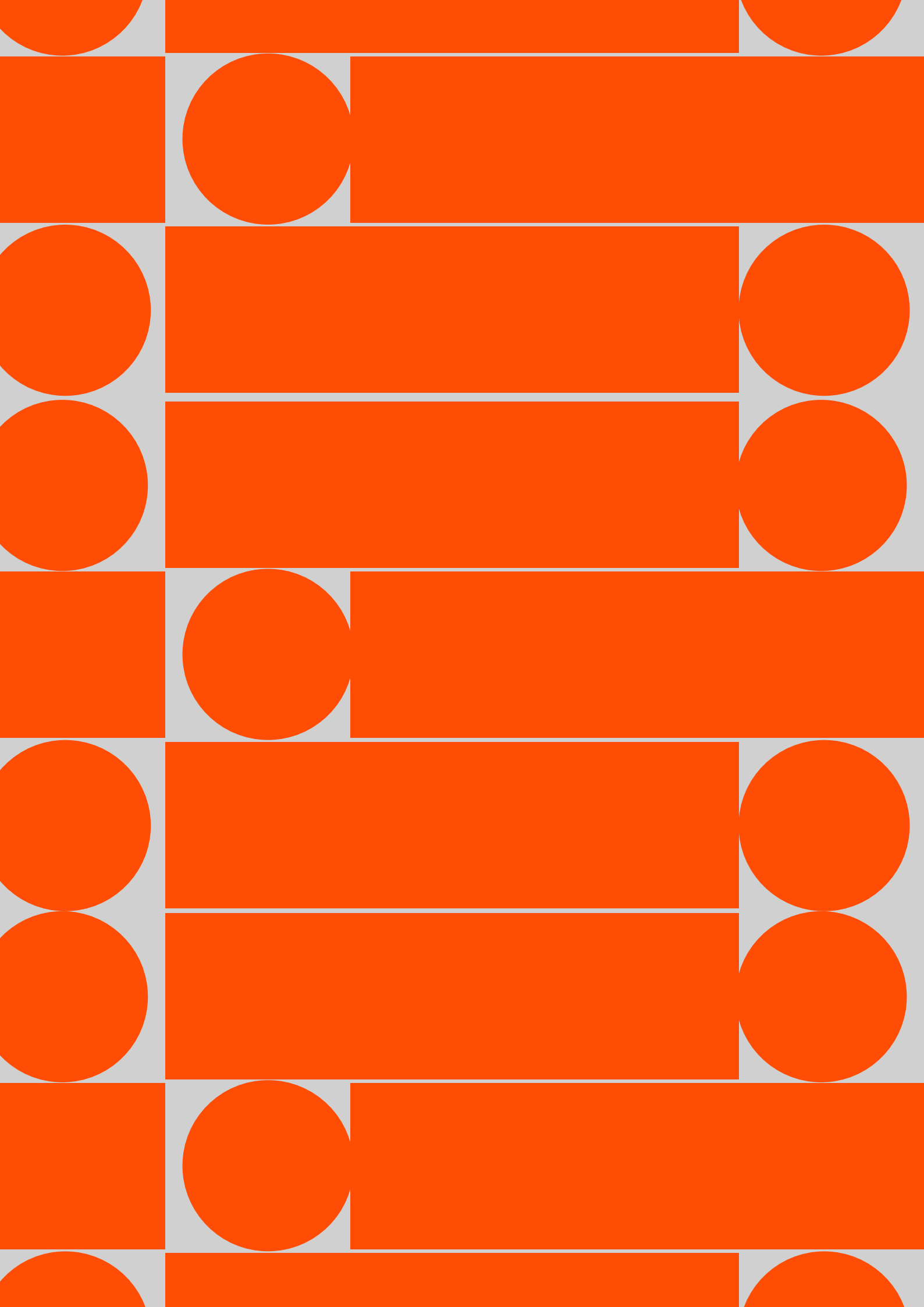
Ao fazer o recorte por propósito de criação da iniciativa, dedicação exclusiva a mulheres negras e nível de institucionalização, identificamos que há uma enorme variedade dentre as iniciativas presentes neste Relatório, as quais não necessariamente seguem um padrão determinado por essas categorias selecionadas.

O que identificamos, no ecossistema, de maneira mais generalizada, é que se, por um lado, para a maioria das iniciativas, o momento ainda é de aprendizado e de estruturação; por outro, a maior parte delas é hoje muito efetiva no acolhimento e incentivo a candidatas e candidatos. De suma importância, a questão dos partidos, aspecto bastante enfatizado na pesquisa +Representatividade: Eleições 2020, passou a ser um ponto de atenção de muitas iniciativas, expandindo a interação e o diálogo necessários entre iniciativas e partidos.

Apesar disso, ainda é difícil saber a efetividade das iniciativas quanto à eleição de participantes, mas há indicativos de que compor de uma iniciativa aumenta o empoderamento de pessoas de grupos marginalizados, de tal forma a fazer com que cresça, também, sua resiliência política, isto é, sua disposição para continuar na política institucional.

As próximas eleições municipais, em 2024, as quartas nas quais as iniciativas estarão presentes de forma mais intensa, poderão mostrar como se deu seu desenvolvimento, mas

tudo sugere que o caminho de mais institucionalização e profissionalização seguirá sendo traçado, expandindo a efetividade para além da relação direta com as candidaturas,, com participação efetiva no fortalecimento do sistema político.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVELINO, G.; BIDERMAN, C. Os custos da campanha eleitoral no Brasil: uma análise baseada em evidência. São Paulo: FGV Editora, 2019.

BJARNEGÅRD, E.; ZETTERBERG, P. Political parties, formal selection criteria, and gendered parliamentary representation. *Party Politics*, v. 25, n. 3, p. 325-335, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1354068817715552>. Acesso em: 24 ago, 2023.

DOWNS, A. An economic theory of democracy. New York: Harper and Row, 1957. Disponível em: [https://scholar.google.com/scholar_lookup?title=An Economic Theory of Democracy&author=Anthony.Downes&publication_year=1957](https://scholar.google.com/scholar_lookup?title=An+Economic+Theory+of+Democracy&author=Anthony.Downes&publication_year=1957). Acesso em: 4 abr. 2023.

FOSCHI, M. Double standards in the evaluation of men and women. *Social Psychology Quarterly*, v. 59, n. 3, p. 237-254, 1996. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2787021>. Acesso em: 24 ago. 2023.

GATTO, M. A. C.; RUSSO, G. A.; THOMÉ, D. +Representatividade: relatório. São Paulo: Instituto Update, 2021. 214 p., il.

KREITZER, R. J.; OSBORN T. L. The emergence and activities of women's recruiting groups in the US. *Politics, Groups, and Identities*, v. 7, n. 4, p. 842-852, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21565503.2018.1531772>. Acesso em: 24 ago. 2023.

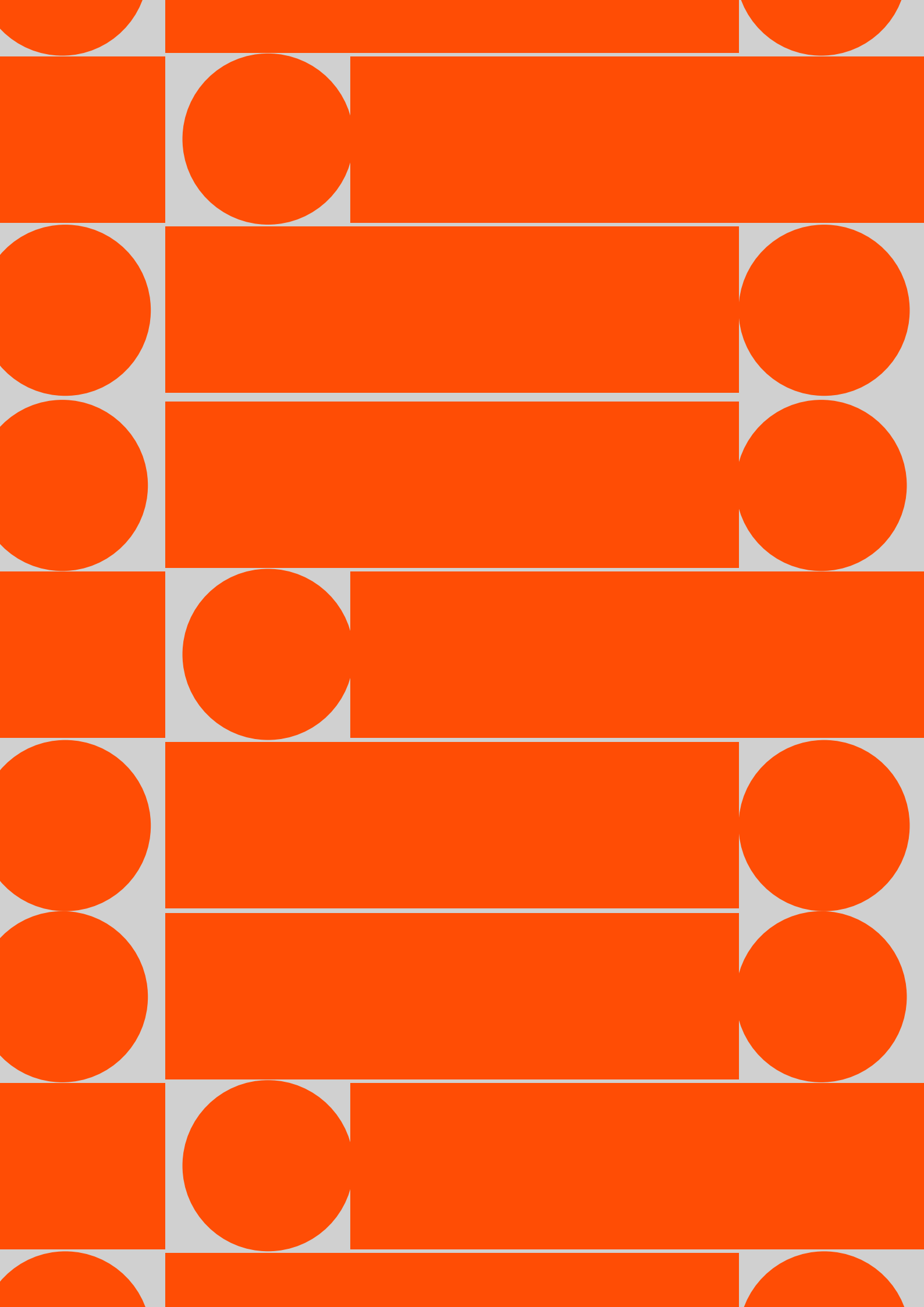
NORRIS, P.; LOVENDUSKI, J. Political recruitment: gender, race, and class in the British parliament. New York: Cambridge University Press, 1995.

PITKIN, H. The concept of representation. Berkeley: The University of California Press, 1967.

SAMUELS, D. Incumbents and challengers on a level playing field: assessing the impact of campaign finance in Brazil. *The Journal of Politics*, v. 63, n. 2, p. 569-584, 2001. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2691765>. Acesso em: 24 ago. 2023.

SCOTT, J. S. Ambition is not enough: explaining candidate emergence in state level politics. 2018. 114 p. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Michigan State University, 2018.

SHAMES, S.; BERNHARD, R.; TEELE, D.; HOLMAN, M. Good reasons to run. Philadelphia, PA: Temple University Press, 2020.



PESQUISA

Coordenação geral da pesquisa e texto

Débora Thomé

Malu A. C. Gatto

Assistentes de pesquisa - sênior

Caroline Caldas

Flavia Bozza Martins

Assistentes de pesquisa - júnior

João Gabriel Leal

Mayres Pequeno

Coordenação de pesquisas - Instituto Update

Marcelo Bolzan

PUBLICAÇÃO

Redação/ Edição

Débora Thomé

Malu A. C. Gatto e

Pesquisa/ Redação

João Gabriel Leal

Mayres Pequeno

Revisão

Claudia Cavalcanti

Produção editorial

Dany Fioravanti

Marcelo Bolzan

Projeto gráfico e diagramação

Tamires Mazzo

EQUIPE UPDATE

Alejandra Parra

Carolina Althaller

Dany Fioravanti

Dardo Ceballos

Ingrid Farias

Nadja Aguiar

Suane Barreirinhas

CONHEÇA A PESQUISA COMPLETA

Resumo Executivo

Relatório 01 - Diversidade nas eleições: pessoas candidatas e eleitas

Relatório 02 - As preferências do eleitorado: diversidade

Relatório 03 - As preferências do eleitorado: escolha do voto

Relatório 04 - Iniciativas de apoio à candidatas e candidatos

Relatório 05 - Iniciativas de lideranças indígenas

Relatório 06 - O que nos contam as candidatas e candidatos

Relatório 07 - O que nos contam as lideranças partidárias

**+REPRE
SENTATI
VIDADE**

INSTITUTO **UPDATE**